



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO

**i o r n a l d o
P S I C Ó L O G O**

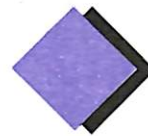
BELO HORIZONTE, ANO 13 • Nº 55
SETEMBRO / OUTUBRO 1996



"Guerra dos gêneros" ou "guerra aos gêneros"? É por esse embate que transita a palavra de Suely Rolnik. Pág. 5



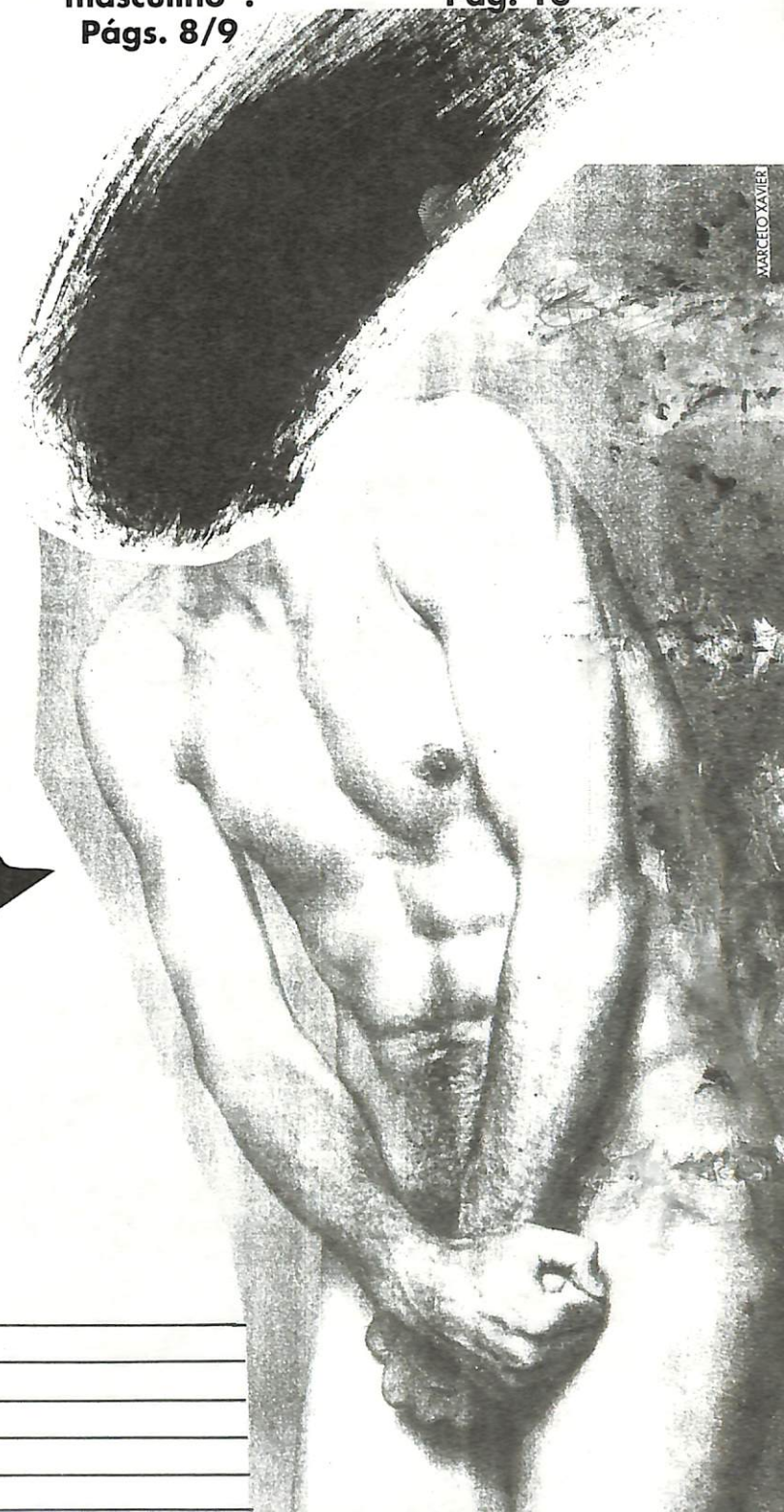
"Além de dois": Sônia Coelho estuda as representações de gêneros na comunicação do casal. Pág. 7



Seguindo o fio condutor da questão do gênero, o JP entrevista o psicanalista Jésus Santiago, que fala do "declínio do masculino". Págs. 8/9



"O mal estar masculino no mundo contemporâneo" através do olhar de Márcia Rosa. Pág. 13



MARCELO XAVIER

Em DIVERSIDADE. Pág. 15
Veja os resultados do
II Congresso Nacional da Psicologia

FILIGRANAS

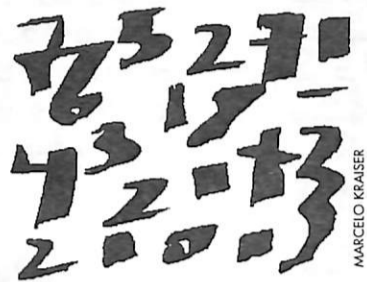
● CRP-04 comunica a seus inscritos e a todas as entidades com as quais se relaciona que o 8º Plenário, em reunião realizada no dia 29 de setembro, elegeu nova diretoria para o Conselho, que passou a ter a seguinte composição: na presidência, Ricardo Figueiredo Moretzsohn; na vice-presidência, Dannusa Gomes Prates Braga; na secretaria, Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; e na tesouraria, Regina Maria Coelho Ferreira.

Em Assembléia Geral realizada no dia 30 de setembro, os psicólogos fixaram a anuidade relativa ao ano de 1997 em 140 Ufir, o mesmo valor de 1996. Além disso, foi aprovado o programa da Gestão TRANSFORMAÇÃO para o ano que vem, que incluirá a realização do II Congresso Mineiro de Psicologia e a publicação dos seminários promovidos pelo CRP-04.



Tendo atingido 7.510 profissionais até o fechamento desta edição do JP, o recadastramento dos psicólogos da 4ª Região está próximo de ser concluído para, em seguida, ser enviado ao CFP. De posse dos dados levantados pelos Regionais, o Conselho Federal passará ao desenvolvimento da pesquisa, analisando todo o material de forma a traçar o perfil do psicólogo brasileiro. Os resultados serão divulgados no "Jornal do Federal". Com o objetivo de completar o trabalho na 4ª Região, estagiários provenientes dos cursos de Psicologia e Comunicação foram contratados para contactar os psicólogos que ainda não se recadastraram. O Conselho solicita àqueles que receberem um telefonema da autarquia que entrem em contato. É só ligar para 261.1146 de segunda a

sexta, das 10 às 19 horas, e você será atendido por uma equipe que trabalha especificamente para o recenseamento. Colabore com o censo. Assim você estará colaborando para o desenvolvimento da sua profissão.



● CRP-04 concluiu, no dia 20 de setembro, pesquisa com o objetivo de levantar subsídios para a montagem da Tabela Referencial de Honorários do psicólogo. Os dados foram enviados ao Conselho Federal de Psicologia, que se incumbirá de montar a tabela tanto a nível nacional quanto regional ou estadual. A pesquisa foi realizada através do sorteio de 158 psicólogos entre todos os inscritos da 4ª Região. Eles responderam um questionário que abrange todas as áreas de atuação do psicólogo autônomo extraídas do CBO - Catálogo Brasileiro de Ocupações. Assim, foram levantadas questões a respeito do trabalho com diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica, solução de problemas psicológicos, acompanhamento e orientação psicológicos e assessoria em Psicologia. Cada agrupamento de atividades gerais foi dividido em atividades específicas, de maneira a contemplar os diversos campos de atuação, bem como as denominações que recebem nas diferentes regiões do país. A referência legal e a atualização das atividades trazidas pela pesquisa proporcionarão maior consistência técnica, abrangência e respeitabilidade à nova tabela, que substituirá a atual. O CRP-04 agradece aos psicólogos que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, dedicando o seu tempo a um trabalho que beneficiará toda a categoria.

Aposta na democracia

De alguns anos para cá, o CFP e os Conselhos Regionais, através de suas gestões, têm demonstrado a sua vocação democrática, buscando incessantemente o lugar de parceria com os psicólogos, ao invés de se encastelarem em posições centralizadoras de poder que a lei lhes permite. Nossos Conselhos têm servido de exemplo e, porque não, de contraponto para outras categorias profissionais que ainda não conseguiram produzir esse processo de horizontalização em suas discussões e decisões.

O II Congresso Nacional da Psicologia é a prova mais recente dessa posição. Estruturado na forma de representação por delegados, retirados nas mais diversas localidades do país, o II CNP colocou todos os psicólogos em igualdade de condições para a participação, aberta a quem desejasse. Durante cinco dias de trabalho intenso, foram retiradas deliberações que irão afetar diretamente os psicólogos brasileiros, pois todas as decisões serão acatadas pelos Conselhos, que deverão dar a forma legal às mesmas.

No entanto, faz-se necessário apontar um aspecto que precisa ser corrigido: a disparidade no tamanho das delegações. O critério para definir o número de delegados por região (jurisdição de cada CRP) é o de base fixa mais proporcionalidade. Atualmente, essa base fixa é a de seis delegados mais um por cada mil psicólogos inscritos no Regional. Não se trata aqui de criticar ou discordar do critério, mas sim dos números decorrentes dele. Se tomamos como exemplo o tamanho das delegações de São Paulo e de Santa Catarina, tivemos por parte do primeiro algo em torno de 40 delegados e no segundo, oito. Isto, por si só, já sinaliza a dificuldade de se pensar em igualdade de condições com esses números.

O quadro se torna mais grave quando as maiores delegações comparecem ao Congresso com suas posições fechadas à priori, não aceitando qualquer questionamento sobre elas. Algo como "já decidimos e ponto final". Ora, um elemento fundamental para a real democratização desse processo é a interlocução, a troca de idéias, o debate, enfim, a possibilidade de que algo seja construído coletivamente. E isso se dá quando há escuta, extremamente necessária no momento da realização do Congresso.

O critério atual para a retirada de delegados - base fixa mais proporcionalidade - parece ser o mais justo, pois contempla realidades distintas, principalmente no que se refere à concentração de profissionais de algumas regiões. Entretanto, é um mecanismo que pode e deve ser aperfeiçoado, desde que haja vontade política para fazê-lo. Tal aperfeiçoamento deve se basear nos números decorrentes do critério. Se ao invés de base fixa de seis mais um delegado por mil inscritos, tomarmos a medida da base fixa de nove delegados mais um por cada dois mil inscritos, haverá uma mudança significativa na composição do plenário do Congresso, que se refletirá democraticamente em todas as deliberações. Com isso, todos ganharemos.

Nesse momento em que duas chapas concorrem ao pleito para o CFP, tendo sido inscritas no II CNP, o nosso voto é para que elas tomem essa preocupação de aperfeiçoar os mecanismos existentes como sua e possibilitem a superação desse aspecto. Isso é apostar na real democracia da entidade!

VIII Plenário - Gestão TRANSFORMAÇÃO

BASTIDORES DO JP

Neste número do JP, encontraremos o gênero humano em suas vestes contemporâneas. A Psicologia registra seu parecer sobre este acontecimento da contemporaneidade deflagrado pela guerra dos gêneros... ou seria guerra aos gêneros? Uma nova ordem anuncia-se nas relações entre os sexos. Os verbetes homem/mulher não comportam os mesmos lugares estáveis e previsíveis como dizem ter sido outrora... ou esta referência é mais uma nostalgia do discurso? Dizem que estamos na era do declínio do viril. Presenciamos uma revolução nas relações de gêneros onde "Amélias" podem desfilarem de

barba e bigodes, ostentando um declinado falo entre as pernas, e o "donjuanismo feminino" deixa seus vestígios em gavetas de langeries ou em estojos de maquiagem. Esta revolução é uma evolução nas relações humanas?

Contudo, não perderemos o trem da história que passa carregando o mal-estar masculino no mundo contemporâneo na travessia das identificações... feminino e/ou masculino? Dois gêneros que marcam a diferença entre os sexos ou marcam diferentes posições diante da sexualidade? Há quem diga que a reunião de dois forma um casal... e além de dois, como é a representação de gênero na comunicação do casal?

O trem pulsa seu ritmo em novas paragens ou nas mesmas estações, transportando o mal estar das relações, percorrendo seus destinos... *Trainspotting*: o trem desliza nas trilhas discursivas para nova contemplação.

Com lugar reservado para a *Ética na Psicologia*, refrescaremos as memórias indo de Paris ao calçadão de Copacabana, num percurso atravessado por vários encontros, paradas em várias estações, onde o retorno se fez resgatado pelo primeiro encontro... que pode ser para sempre...

Comissão Editorial

Fernanda Ottoni • Mariana Mendonça • Ricardo Moretzsohn

Nesta edição, o JP traz um comentário sobre o polêmico filme *Trainspotting*, de Danny Boyle (Reino Unido, 1996). O texto aqui publicado é uma colaboração do poeta e professor Jair Tadeu da Fonseca, mestre em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da UFMG e um dos membros da banda de rock "Último Número", de Belo Horizonte.

Trainspotting: O que fazer nesta droga de mundo?

Tal como *Kids*, o filme inglês *Trainspotting* tem causado polêmica. Houve quem quisesse pedir sua proibição, inclusive no Brasil, com o pretexto de que o filme seria uma apologia do uso da heroína, uma das mais perigosas drogas de que se tem notícia. O que pode parecer uma posição tacanha e moralista resultante da incompreensão do filme ou fruto de seu entendimento ingênuo e superficial na verdade pode esconder algo pior: os moralistas de plantão, em sua leitura da obra, podem ter detectado o que a torna "perigosa": sua violenta ironia.

Longe de fazer uma defesa das drogas, *Trainspotting* revela as condições que possibilitam o uso de drogas, uma denúncia bem-humorada do *tedium vitae* que faz com que na sociedade de consumo queiram preencher o vazio de nossas vidas com drogas diversas, tais como TV, carro, computador, roupas chiques, gordas contas bancárias etc. O filme começa e termina justamente com o enrolamento dos "bens" que passariam a alimentar a vida do protagonista da história, um jovem de baixa classe média, desempregado, na Escócia. Em vez da droga e seus "males", o heroinômano arrependido passaria a adquirir "bens" de consumo desenfreadamente. Sabemos, entretanto, que o buraco continua mais embaixo, inclusive o da sepultura. Ou mais acima, na cabeça ou no céu.

Outra coisa que os moralistas, geralmente tão hipócritas, não viram ou não quiseram ver no filme é que os habitantes da lama humana também têm sua ética, em que perversa e confusamente vislumbra-se a ética do mundo normal - ou seria normativo? A todo momento, o protagonista coloca questões acerca de seu

comportamento e sobre as atitudes das pessoas que o cercam. Suas experiências não se dão num vácuo moral.

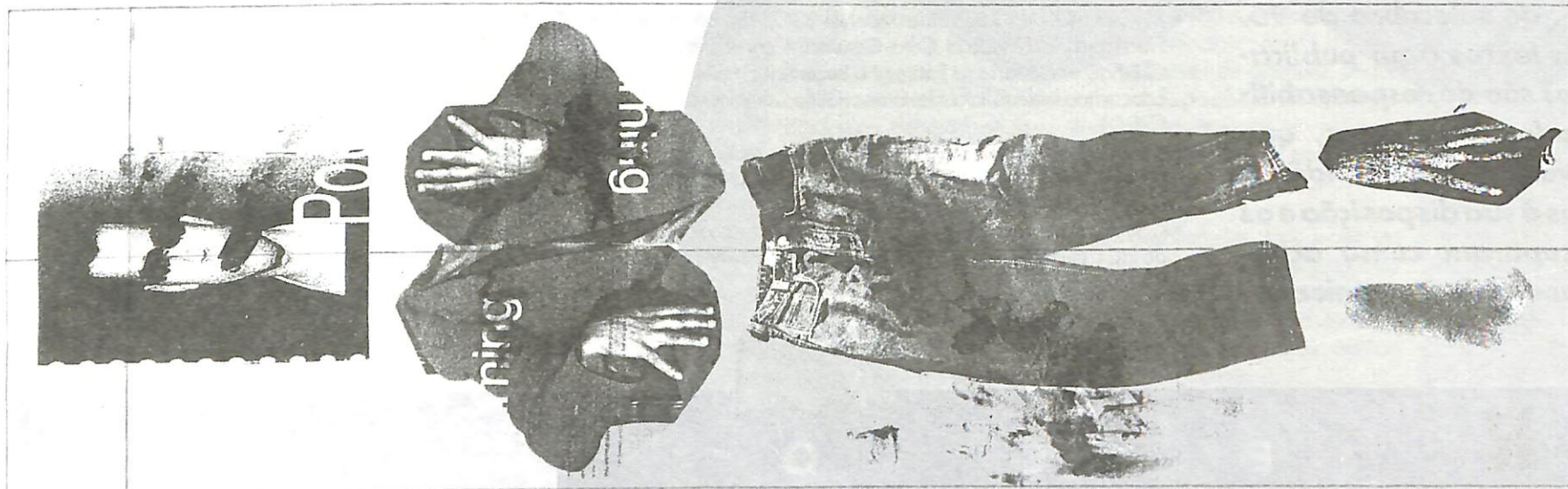
As tentativas que os anti-heróis do filme fazem para se livrarem da heroína são frustradas por sua inadequação às normas familiares, profissionais, amorosas e as da tradição política. Lembremo-nos da escatológica cena do café da manhã na casa da família da namorada de um dos membros do grupo, ou da viagem desanimada que os amigos fazem em busca da tradição nacional da Escócia que se perdeu com a colonização inglesa. No primeiro caso, em vez da ansiada primeira noite de sexo com a namorada "amarradinha", o personagem passa por uma experiência vexatória; no segundo, os membros da turma percebem que não há mais espaço, nem nas montanhas da Escócia, para uma tradição que não dá conta do desmormentamento de suas vidas.

A volta às drogas se impõe com seu rosário de misérias, às quais a narrativa fílmica dá um tratamento ambíguo, condizente com a estratégia irônica que norteia essa narrativa: num momento, os espectadores são envolvidos emocionalmente por cenas supostamente "realísticas", como as das injeções de heroína, e a terrível sequência do bebê, quando a turma desperta duramente de uma *trip*... para começar mais uma; num outro momento, indica-se claramente que um filme está sendo feito, não há intenção "realística", nem se busca o envolvimento do espectador, mas o distanciamento crítico que a ironia acentua. Como exemplos desse momento, temos a sequência do "pior banheiro da escócia" (anunciado, inclusive, por um letreiro

na tela), e a sequência em que o protagonista salta de um muro para cair no chão da sala de um traficante. Aliás, é o recurso da ironia que permite que um filme sobre um pesadelo vivo seja engraçado: além de terrível, risível. Na continuação da sequência a que nos referimos, o chão carpetado se abre num buraco, como um caixão, para acolher o corpo do jovem, que, por causa de uma *overdose*, está quase morrendo. O contraponto irônico, nesse caso, também é dado pela (belíssima) canção, de Lou Reed, *Perfect Day*...

Cabe perceber, aqui, o papel da trilha sonora na estratégia irônica do filme, que traz um ótimo rock'n'roll, a cargo principalmente da legendária figura de Iggy Pop. Não se pense que o rock esteja em *Trainspotting* meramente como "música de jovens doidões", como reza o clichê. Os personagens discutem a respeito de Lou Reed e de Iggy Pop, cuja imagem aparece em um poster que se deteriora, ao longo do filme, como o apartamento e a vida de um dos personagens, que se descobre soropositivo. Em outro momento do filme, comenta-se que a música mudou e mudaram as drogas, pois os tempos mudaram. Não haveria mais lugar para a mística decadentista e pesada que cerca a heroína e seus iniciados: a música e as drogas das novas gerações celebrariam a dança, a sensualidade e a alegria... Mais uma ironia?

Cabe ressaltar que o título do filme dirigido por Danny Boyle faz referência a um passatempo de desocupados: a contemplação do movimento de trens. Algo como uma metáfora da vida, com a qual nos ocupamos, desocupados ou não, enquanto a morte não vem.



Eleições para o CFP

Tendo em vista a proximidade da eleição nacional para compor o Plenário do Conselho Federal de Psicologia, a ser realizada no dia 28 de novembro de 1996, o JP resolveu abrir espaço para que as duas chapas concorrentes se manifestem. O pleito será formalizado através de uma consulta nacional à categoria dos psicólogos em cumprimento às deliberações do 1º. Congresso Nacional da Psicologia. O voto é facultativo e poderão votar todos os profissionais inscritos nos Conselhos da categoria. Chamamos a atenção dos psicólogos para a importância de se implicarem no processo, uma vez que se trata de um momento muito significativo para todos os profissionais da área. As chapas foram inscritas durante o 2º. Congresso Nacional da Psicologia, realizado em Belo Horizonte, de 28 de agosto a 1º. de setembro de 96. Os textos aqui publicados são de responsabilidade das chapas, que tiveram espaços idênticos à sua disposição e os ocuparam como acharam mais conveniente.

CHAPA 1 CONSOLIDAÇÃO NACIONAL

Aos Psicólogos da 4ª Região (Minas Gerais e Espírito Santo):

Mudanças significativas estão sendo implantadas no Conselho Federal de Psicologia visando torná-lo uma autarquia dinâmica e atuante, voltada para o fortalecimento da Psicologia como ciência e à valorização do exercício profissional, em cada localidade, Estado, região, em todo o país.

Na primeira eleição nacional, realizada em 27 de agosto de 95, foi eleita de maneira inédita uma chapa com programa nacional, que contou com a representação de psicólogos em todas as regiões do país. Nessa fase de transição, a 4ª Região teve uma participação decisiva; pelo apoio das entidades, pela expressiva votação dos psicólogos e pela marcante presença do companheiro Wilson Soares Leite (MG), no grupo que conduz esse processo de mudanças.

A 4ª Região permanece presente, através da companheira Adenise H. da Silveira (MG), no projeto de transformação proposto pela CHAPA 1 - CONSOLIDAÇÃO NACIONAL, que neste espaço reafirma seu compromisso com o fortalecimento dos CRPs, com a inserção ativa e qualificada da Psicologia e do psicólogo na resolução dos graves problemas sociais vividos pela população brasileira.

Para garantir as transformações que estão sendo processadas no CFP, contamos com o apoio dos psicólogos da 4ª Região. Em novembro vote chapa 1: CONSOLIDAÇÃO NACIONAL.

Quem somos

EFETIVOS

- Presidente - Odair Sass (SP) - Professor da PUC/SP; UNESP; Presidente do CRP-06 (93/95); Conselheiro do CFP (95/96)
- Vice-Presidente - Nara Silveira Berlim (RJ) - Psicóloga da Fundação Leão XIII; Secretária do CRP-05 (95/96)
- Secretária - Rose Teresinha Mayer (RS) - Clínica; Saúde do Trabalhador; SINPERG; Secretária do CFP (95/96)
- Tesoureiro - Rosano F. Carvalho (PE) - Clínica; Saúde Mental/Hospitalar; Conselheiro do CFP (95/96)
- R. Norte - Lilia C. J. Godinho (PA) - Psicóloga do Detran; ex-Secretária do CRP-10
- R. Nordeste - Ana Maria Córdula (PB) - Clínica; ex-Secretária da Educação da Paraíba; Coordenadora do Instituto João XXIII
- R. Centro-Oeste - Maurílio F. S. Filho (GO) - Psicólogo RH da EMCIDEC; ex-Presidente do CRP-09
- R. Sudeste - José R. Tozoni Reis (SP) - Professor da UNESP; Vice-Presidente do CFP (89); Conselheiro do CRP-06 (95/96)
- R. Sul - Guilherme do Valle (PR) - Clínica/Hospital Psiquiátrico; Conselheiro do CFP (90/92); Conselheiro do CFP (95/96)

SUPLENTES

- R. Norte - Hilma K. Carvalho (PA) - Professora da UFPA; ex-Presidente do CRP-10 - Francisco L. Carvalho (RR) - Psicologia Escolar e Organizacional; Representante do CRP-01
- R. Nordeste - Ednaldo P. Silva (PE) - Clínica e Movimento dos Psicólogos da Saúde de PE - João Vicente M. Oliveira (CE) - Clínica; Conselheiro do CRP-11
- R. Centro-Oeste - Raimunda Montelo (GO) - Educação; Professora da Fundação Cora Coralina; Conselheira do CFP (95/96) - Maria de Fátima N. Bezerra (DF) - Clínica/Educação; Rede Oficial de Ensino GDF; Conselheira do CRP-01
- R. Sudeste - Adenise H. da Silveira (MG) - Hospitalar e Saúde Mental; Cons. CRP-04 (95/96) - Rubem R. Silva (RJ) - Clínica; CAAA; Serviço Social da UERJ
- R. Sul - Claire Lazzaretti (PR) - Chefe do Serviço de Psicologia do HC Curitiba; ex-Conselheiro do CRP-08; Conselheiro do CFP (95/96)

CHAPA 2 UM CONSELHO PARA CUIDAR DA PROFISSÃO

A Chapa 2, UM CONSELHO PARA CUIDAR DA PROFISSÃO, está constituída por 18 excelentes colegas, representantes da categoria, que atuam em diversas áreas da Psicologia e militam há muitos anos em entidades e movimentos dos psicólogos e da sociedade civil.

Por que estamos nos candidatando?

Estamos nos candidatando para construir um Conselho para cuidar da profissão. E aqui alguns aspectos merecem destaque:

1- Entendemos que é preciso dar sentido à atuação do Conselho Federal de Psicologia. É preciso exigir dele o cumprimento de sua função: cuidar da profissão. E só há uma maneira de realmente se cuidar da profissão, que é trabalhando para qualificar sua inserção na sociedade. A qualidade do trabalho prestado por nossa categoria é nossa preocupação central.

2- Pode-se perguntar se, com essa prioridade, não estaríamos subestimando as necessidades de democratização e agilização da autarquia. E nossa resposta é não. Reivindicamos para nosso grupo a responsabilidade de levar trazido as práticas coletivas e democráticas, como os Congressos, para dentro da autarquia; em 1989, realizamos, com as dificuldades daquele momento, o Congresso Unificado, que reuniu, pela primeira vez na história de nossa categoria, delegados de base, representantes de sindicatos e conselhos, eleitos em suas regiões a partir de um processo de debate e construção e defesa de teses.

Não temos dúvida que esse processo de democratização já foi iniciado. Os dois Congressos Nacionais, as discussões e propostas para a Lei 5766, as propostas de eleição direta com plataforma para a direção do CFP, a proposta de um Conselho não federativo, da construção de um Fórum de Entidades são alguns exemplos do avanço já obtido. Agora é hora de priorizar a construção de um projeto para qualificar a inserção de nossa profissão na sociedade. É preciso cuidar dela.

Como pretendemos fazer isso?

Construindo espaços de reflexão sobre as questões da profissão, como a proposta da criação de uma Associação Brasileira de Ensino da Psicologia, reunindo várias instituições e colegas que vêm acumulando muitas elementos e experiências capazes de melhorar nossa formação.

Criando referências para a categoria, através de uma entidade forte e corajosa, que se manifesta na sociedade civil.

Osando criar, coletivamente, demarcações relativas ao exercício profissional, produzindo concretamente a identidade da profissão.

Interferindo nas políticas públicas, buscando articular os interesses de uma política da profissão com a luta pela melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

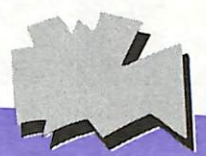
Rompendo o isolamento com os Conselhos Regionais, com as outras categorias, com as outras entidades (em especial os sindicatos e Fenapsi), construindo relações de parceria para um trabalho conjunto guiado por objetivos comuns, respeitadas as especificidades de cada um.

Rompendo o isolamento internacional da Psicologia brasileira, integrando-a no contexto do desenvolvimento técnico científico mundial e estreitando laços, em particular, com a América Latina.

Viabilizar para os psicólogos o acesso à informação e a programas de educação continuada.

Participar ativamente dos fóruns políticos da sociedade civil que partilhem dos interesses políticos e profissionais dos psicólogos e suas entidades.

Reflexão, referência, demarcações, coletivamente, políticas públicas, romper isolamento, informação e educação continuada e fóruns políticos são termos que resumem e constroem nossa proposta para UM CONSELHO PARA CUIDAR DA PROFISSÃO.



Neste número, "Parabólica" cedeu espaço à preciosa colaboração da psicanalista Suely Rolnik, professora e coordenadora do Núcleo de Pesquisas da Subjetividade da PUC/SP e autora, entre outras obras, do livro "Cartografias do Desejo", em parceria com o filósofo Felix Guattari. Aqui ela aborda uma questão que vem intrigando os pensadores contemporâneos - a questão dos gêneros no mundo atual.

GUERRA DOS GÊNEROS E GUERRA AOS GÊNEROS

Suely Rolnik

No visível, o óbvio: uma guerra entre identidades sexuais, lutando por seus interesses. Mas só aqui dá para captar algo desta ordem, já que neste plano os personagens são feitos de figuras através das quais eles se representam, assim como nós os representamos; tais figuras são efetivamente classificáveis em identidades ou gêneros e funcionam segundo uma lógica binária de oposições e contradições, cujo atrito pode transformar-se em conflito.

Já no invisível a coisa se complica, impossível aqui registrar algo da ordem do gênero, com sua lógica binária e suas oposições. E mais: neste plano o que se capta é a produção do que justamente acaba por desestabilizar as figuras e, junto com isso, o quadro classificatório dos gêneros, sejam eles sexuais, raciais, étnicos ou outros quaisquer. São movimentos de fluxos desenhando composições e desfazendo outras; aglutinações de novas composições produzindo diferenças, origem de pequenos abalos sísmicos nas figuras vigentes; acumulações progressivas de diferenças/abalos provocando terremotos. Figuras se desmancham, outras se esboçam; gêneros e identidades se embaralham, outros se delineiam e a paisagem vai mudando de relevo. Uma lógica das multiplicidades e dos devires rege a simultaneidade dos movimentos que compõem este plano. Estamos longe dos binarismos.

Entre os planos, portanto, uma disparidade inelutável; nada a ver com oposição. No invisível, a infinitude do processo de produção de diferenças; no visível, a finitude das figuras nas quais os personagens se reconhecem, com suas identidades e seus gêneros. É notório o mal-estar que tal disparidade mobiliza: um estranho estado de desterritorialização, os personagens como que perdidos numa terra desconhecida sem, no entanto, sequer terem saído do lugar. São os momentos em que estes mais se apegam ao gênero, como numa espécie de tábua de salvação. Isto é o que registraríamos radares caso pudessem rastrear a guerra dos gêneros tal como vem se travando nas últimas décadas.

No campo da subjetividade, pode-se distinguir culturas e épocas tomando como referência quanto e como se transita entre os planos visível e invisível; quanto e como se lida com a disparidade entre a finitude das figuras e a infinitude da produção de diferenças; quanto e como se encara o mal-estar que tal disparidade mobiliza. Muitas são as modalidades praticadas.

No contemporâneo, por exemplo: se ampliássemos o espectro de nossos radares de modo a rastrear o ambiente em que eclode a guerra dos gêneros, os sensores sem dúvida registraríamos a predominância de uma modalidade de subjetivação em que pouco se transita entre os planos. O que exatamente veríamos?

Personagens que tendem a viver confinados no plano da representação, como se só existisse o que o olho alcança, insensíveis às forças e, conseqüentemente, às diferenças que suas composições engendram. Quase nada se registra no ambiente que pareça acolher o estranhamento que a disparidade entre os planos provoca; tudo leva a crer que é possível instalar-se vitalício numa determinada figura, sem que jamais tremam seus contornos: a impressão é de que se acredita que tremores são pura expressão de fraqueza e que os fortes não têm isso.

Quando diferenças irrompem em cena, convulsionando as figuras estabelecidas, não se observa qualquer esboço de movimento de construção de modos de existência que as corporifiquem; os personagens, atordoados, parecem estar à cata de figuras idealizadas para identificar-se, de modo a reconstituir-se o mais rapidamente possível e encontrar seu lugar neste magma homogêneo de subjetividades. Quando conseguem, alimentam sua ilusão de estabilidade e parecem apaziguar-se; mas o preço que pagam é ver a vida enquanto potência de diferenciação, escapando de suas mãos. É nítida sua desvitalização.

Mas certamente não seria apenas isto o que detectaríamos radares, se implantados nesta virada de século. Um espantoso avanço das tecnologias de informação e de comunicação de massa faria aparecer na trama de seu espectro um fato curioso: a maioria dos personagens, independentemente de onde estejam, encontram-se habitados pelo planeta inteiro ao mesmo tempo; uma imensa riqueza de forças/fluxos e, por consequência, de mestiçagens virtuais, aumenta indubitavelmente a potencialidade de engendramento de diferenças e de criação de mundos. É gritante o contraste que se observa entre a exuberância de mundos virtuais e a mesmice das figuras em torno das quais os personagens se organizam.

Diagnóstico: o quadro pede uma mudança na política de subjetivação vigente. Parece que se há uma guerra a ser travada ela teria como um de seus principais alvos a libertação do confinamento no visível. Para isso seria preciso criar condições para que a experiência do mal-estar provocado pela disparidade fosse menos traumática e mais produtiva. Se é verdade que a guerra dos gêneros é indispensável para que personagens do gênero oprimido conquistem direitos civis e dignidade, por outro lado, reduzir a subjetividade ao gênero tende a mantê-la confinada numa identidade, invertendo apenas seu valor, que passa a ser positivo. Ora, a simples inversão, além de manter tais personagens no mesmo lugar, às vezes até os reforça em seu modo de subjetivação: fica adiado o confronto com a finitude e o trabalho de criação que se faz necessário para dar vazão às diferenças emergentes.

Avaliar esta situação fazendo um esforço para nos deslocar da lógica da representação em direção a uma lógica das multiplicidades e dos devires, própria da dinâmica entre os planos, nos deixa um tanto perplexos. Explorada desta perspectiva, a guerra entre gêneros revela-se como uma guerra a favor da perpetuação de gêneros e contra a processualidade da vida enquanto produção de diferença. A conclusão é que, em primeiro lugar, precisa-se de muita cautela para não transformar a luta politicamente correta por direitos numa luta politicamente nefasta para a vida; e, em segundo lugar, que talvez ao invés de uma guerra dos e pelos gêneros, e contra a vida, seria mais interessante fazer uma guerra aos gêneros, a favor da vida e suas misturas.

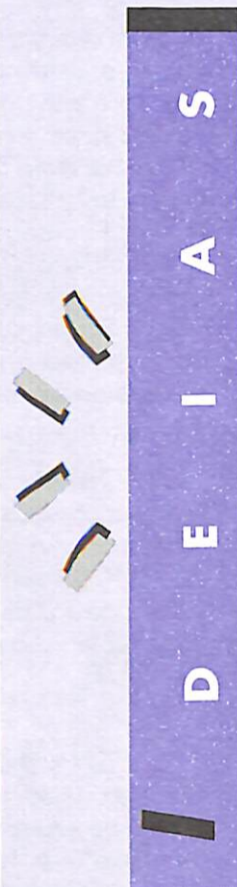
Neste ponto, o Brasil me parece ter algo a dizer na questão dos gêneros. Trazemos a marca de uma certa facilidade para nos desfazer das figuras vigentes, e com elas das identidades e gêneros, sempre que necessário. Nossa fundação e nossa história é pontuada por mestiçagens. Habitados a nascer e renascer das misturas, somos constitutivamente híbridos; borram-se em nós desde o início as fronteiras entre figuras.

Um dos movimentos do Modernismo brasileiro colheu esta marca de nossa cultura e decidiu afirmá-la positivamente, chamando-a de "Antropofagia". Estendendo esta idéia, hoje, para o campo do desejo, diríamos que antropofágico é o próprio processo de composição e hibridação dos fluxos, o qual acaba sempre devorando as figuras da realidade objetiva e subjetiva e, virtualmente, engendrando outras.

Um modo de subjetivação é antropofágico quando tende a se constituir como existencialização das virtualidades engendradas na mestiçagem dos fluxos e não como resistência contra a finitude. Requer a presença de um grau considerável de abertura, o que implica numa certa fluidez: encarnar o mais possível a antropofagia das forças, deixando-se desterritorializar, ao invés de se anestésiar de pavor; improvisar novos mundos toda vez que isso se faz necessário, ao invés de bater o pé no mesmo lugar por medo de ficar sem chão.

A antropofagia seria o princípio organizador deste modo de subjetivação. Um princípio radicalmente ateu, imanente à produção da realidade, cuja referência é a processualidade. Opera-se aqui um deslocamento do princípio que tem por referência uma representação de si e do mundo tomada a priori, seja ela qual for, mesmo que em nome de uma causa politicamente correta.

Ao lado da guerra de gêneros é preciso cada vez mais levar uma guerra contra a redução da subjetividade ao gênero. Uma guerra de híbridos, mestiços, antropófagos.



A

Com o objetivo de divulgar os desenvolvimentos mais recentes da Psicologia, discutir os progressos no ensino e na pesquisa e promover o intercâmbio entre pesquisadores e profissionais será realizado, de 6 a 11 de julho de 1997, em São Paulo, o **XXVI Congresso Interamericano de Psicologia**. O evento organizado pela SIP (Sociedade Interamericana de Psicologia) incluirá, em seu programa científico, conferências, simpósios, mesas-redondas, temas-livres, workshops e apresentações de audiovisuais. Os interessados em enviar contribuições devem fazê-lo até 31 de janeiro de 97. Maiores informações pelo fax (55) (11) 852.4062, ou 813.8895.

A Workshopy Eventos realiza, de 31 de outubro a 3 de novembro de 1996, em São Paulo, conferência sobre uma das abordagens mais atualizadas em Saúde Mental e Educação - **"Construtivismo Sistêmico em Psicoterapia e Educação"** - suas aplicações à Psicoterapia Familiar, Psicopedagogia, Sistemas Humanos e Terapias Sociais. O evento contará com a presença de Heinz von Foerster, PH.D., considerado "o pai do construtivismo sistêmico", e de outros profissionais de peso internacional. Maiores informações pelo telefax (019) 231.9955.

A SOBRAP - Sociedade Brasileira de Psicoterapia e Dinâmica de Grupo - estará oferecendo uma vivência psicodramática para jovens - **"O Jovem no Teatro da Vida"**, nos dias 1º e 2 de novembro de 96. Os interessados podem obter maiores informações pelo tel. (031) 291.9878.

O IEPsi - Instituto de Estudos Psicanalíticos - está oferecendo três "oficinas de produção" (grupos de estudos) com os temas **"O Atelier Freudiano"**, **"A Fantasia na Criança"** e **"O Objeto"**. Os interessados em participar ou formar outras oficinas podem contactar Aurea Porto pelos tels. (031) 463.0149 e 221.1760. O Instituto promove, também, reuniões abertas. As próximas serão nos dias 6 de novembro - **"A Psicanálise nas Instituições Hospitalares"**; 13 de novembro - **"A Família na Atualidade"**; e 30 de novembro - **"Jornada IEPsi de Encerramento das Atividades Científicas"**. Maiores informações pelo tel. (031) 296.7544.

A Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento das Psicoterapias realizará, nos dias 7 e 8 de novembro de 96, em Belém do Pará, o **I Congresso Brasileiro de Psicoterapias**. Paralelamente, acontecerão o IV Seminário Internacional em Saúde Mental e o III Encontro de Práticas Integradas de Grupo. Maiores informações com a secretaria do evento pelo tel. (091) 222.7413 e fax (091) 222.1339.

Será realizado nos dias 7 e 8 de novembro de 96, em Santiago do Chile, o **8º Congresso de la Confederación Latinoamericana de Profesionales Universitarios**. Maiores informações pelo telefax (56.2) 638.1422.

Será realizado no Minascentro, em Belo Horizonte, de 6 a 9 de novembro de 96, o **XIV Congresso Brasileiro de Psiquiatria**. Tendo como eixo o tema **"A Psiquiatria e suas conexões - Política, Biologia e Filosofia"**, o evento contará com a presença de Alain Badiou, Jurandir Freire Costa, Renato Mezan e Jorge Forbes, entre outros profissionais com atuação interdisciplinar. Maiores informações e inscrições na AMMG, à Av. João Pinheiro, 161, em Belo Horizonte. Tel. : (031) 273.5788 e 273.1540. O Congresso conta com o apoio do CRP-04. Inscrições de psicólogos a R\$150,00.

"Prevenção e Saúde Mental na Educação" é o tema que norteará o **III Congresso Nacional de Psicologia Escolar**, que acontecerá de 18 a 21 de novembro de 96, no Rio de Janeiro. O evento é uma realização da ABRAPEE - Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, em conjunto com a UERJ, e conta com o apoio do Instituto de Psicologia da PUCCAMP e do CRP-05. Maiores informações na Secretaria do Instituto de Psicologia da UERJ, pelos tels. (021) 587.7202 e 587.7132.

Buscando uma articulação entre a Psicanálise e outros saberes, o ALEPH - Psicanálise e Transmissão realizará, nos dias 22 e 23 de novembro de 96, a sua **III Jornada "Desejo"**. O evento desenvolverá uma escuta do que a Arte, a Filosofia, a Linguística, a Medicina, a Literatura, a Lógica e outros campos têm a dizer sobre a questão do desejo. Maiores informações pelo tel. (031) 281.9680.

A ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social / Regional Minas Gerais realizará, nos dias 22 e 23 de novembro de 96, em Belo Horizonte, o **IX Encontro Mineiro de Psicologia Social** da entidade. O evento conta com o apoio do Mestrado em Psicologia da UFMG. Informações, encaminhamento de trabalhos e organização de grupos de interesse com a comissão organizadora, no Laboratório de Psicologia Social do Mestrado em Psicologia da UFMG, à Av. Antônio Carlos, 6627, campus da Pampulha, Fafich, sala 4002. Fone e fax: (031) 499.5042.

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, juntamente com o Sindicato dos Psicólogos de MG e com o Instituto Felix Guattari, estão promovendo o **1º Ciclo de Debates em Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente**. A terceira palestra abordará o tema **"Transdisciplinariedade - O fazer dos diferentes profissionais"**, a cargo do analista institucional e presidente do Instituto Felix Guattari, Gregório Barembliitt. O evento acontecerá no dia 27 de novembro, às 19:30 horas, no auditório do Sinttel (Av. Amazonas, 491 - 5º andar). Maiores informações pelos tels. (031) 295.4115 e 221.7352.

Será realizado de 6 a 8 de dezembro de 1996, em Vitória/ES, o **IV Encontro da Escola Lacaniana de Vitória**, focalizando o tema **"Sobre as Estruturas na Clínica Psicanalítica"**. Os interessados em apresentar trabalhos devem enviá-los até 25 de novembro. Maiores informações pelo telefax (027) 324.0268.

C

Livraria do Psicólogo

O CRP-04 acaba de firmar convênio com a Livraria do Psicólogo, que faculta aos inscritos no Conselho descontos de 20% na compra de livros e 10% em testes, para pagamento à vista ou cheque para 30 dias, em qualquer material das áreas de Psicologia e Pedagogia.

Para utilizar o convênio, basta apresentar a carteira do CRP-04. A Livraria do Psicólogo fica na Rua Curvelo, 132, lojas 25 a 27, no Bairro Floresta, em Belo Horizonte. Tel: (031) 273.5808 e 224.0663.

OUTROS CONVÊNIOS

• Núcleo do Ser Homeopatia

R. Congonhas, 553 - Tel: 342.1355
Santo Antônio - Belo Horizonte - 10% de desconto

• Núcleo Radiológico Brasil Ltda.

Av. Brasil, 82 - loja 5 - Tel: 241.4423
Santa Efigênia - Belo Horizonte
25% sobre o preço de tomadas radiográficas

• Aliança Francesa

(Associação de Cultura Franco-Brasileira)
R. Tomé de Sousa, 1418, Savassi,
Belo Horizonte. Tel: 291.5187 e 292.6590.
A Aliança oferecerá 10% de desconto no pagamento à vista do semestre ou 5% no pagamento de cada mensalidade.

CLASSIFICAÇÃO

Sublocam-se horários em consultório de Psicologia no Centro. Tratar com Regina (463.6061) ou Angela (467.5628).

Subloca-se horário em consultório de Psicologia no Centro Lúdico Psicoterapêutico. Atendimento individual ou em grupo para infância e adolescência. Tratar com Siloé pelos tels. 226.8559 e 444.1928.

Sublocam-se horários entre 11 e 16 horas para atividades terapêuticas em sala carpetada com aparelho de som, ideal para práticas de Biodança, Dinâmica de Grupo, Psicodrama etc. Tratar com Margareth pelo telefone 222.4882, entre 11 e 17 horas.

Aluga-se consultório. Telefone e secretária incluídos. Contato com Angela pelos tels. 344.3305 ou 261.8069.

Divide-se consultório de Psicologia na Av. Raja Gabaglia. Tratar com Solange pelo tel. 378.6799.

Sublocam-se horários em consultório de Psicologia à Rua Timbiras, 1940. Tel: 201.5406.

Alugam-se consultórios montados em Lourdes. Tratar com Júnia pelo tel. 291.4848.

Aluga-se sala montada com TV, video, flip chart para realização de cursos etc. Capacidade para 30 alunos. Rua Gonçalves Dias, 1922 / 401, em Lourdes. Contactar Eliete pelo tel. 337.3165.

Subloca-se sala e/ou horários em consultório de Psicologia na Av. Brasil, 84 / sala 1002. Contactar Cléa pelo tel. 221.9482.

Subloco consultório diariamente pela manhã e aos sábados o dia todo. Ótima localização no Santo Agostinho, todo montado e decorado, com sala de espera e secretária eletrônica. Tratar com Saskia pelos tels. 337.7050 (consultório) e 474.6899 (residência).

Subloco sala para cursos montada. Tratar com Sueli das 13h às 17h30. Rua Paracatu, 838/505 tel 292.5245.



A problemática da comunicação entre casais é o tema da dissertação da psicóloga Sônia Vieira Coelho, psicoterapeuta que atua na área de família e casais e professora do Departamento de Psicologia das Faculdades Integradas Newton Paiva. A dissertação foi defendida no Mestrado em Psicologia da UFMG em 9 de setembro deste ano e teve a orientação da professora Maria Lúcia Miranda Afonso. Os interessados em pesquisá-la poderão recorrer ao CRP-04.

ALÉM DE DOIS

Representações de Gênero na Comunicação do casal

Observando casais na minha prática clínica e na convivência pessoal, fui percebendo os desencontros comunicacionais entre eles, tanto em relação à expressão de sentimentos, às expectativas de um em relação ao outro e ao casamento, quanto em relação às diferenças destas expectativas devido a crenças e valores sobre papéis diferenciados de homens e mulheres. Tais crenças ora pareciam mudadas, em decorrência das transformações ocorridas na família contemporânea, ora pareciam persistentes, trazendo ambivalências e conflitos na interação dos casais.

A problematização destes tornou-se objeto da pesquisa qualitativa, que constituiu o trabalho de campo da minha dissertação de Mestrado em Psicologia. O problema investigado foi a *comunicação do casal*, no sentido de interação entre elementos de uma díade que apresenta um contrato matrimonial com um tempo de duração. Na análise interacional do casal, o interesse específico foi pelas *representações das relações de gênero* como elementos organizadores da construção relacional conjugal, influenciando a comunicação da díade, considerada como um sistema. Foram feitos seis estudos de caso de casais heterossexuais pertencentes à classe média urbana de Belo Horizonte.

Numa interação diádica há *acordos* a respeito de quem tem o direito de definir a relação e quando: são as *regras da relação* (JACKSON, 1976). Estes acordos são feitos a partir das expectativas que cada elemento da interação tem a respeito de sua união particular, bem como das expectativas socialmente instituídas e introjetadas. SAGER (1980) denomina estes acordos de *contrato matrimonial* - que inclui os *contratos individuais* de cada elemento da díade e o *contrato interacional* construído na interação de ambos.

O casamento, como um sistema interacional, é uma instituição e um espaço de permutas relacionais que permite a construção das identidades dos elementos que constituem a díade. Se a identidade é construída num sistema de relações, sua representação pressupõe representações, crenças e valores que estão presentes nas relações sociais, onde ela se constitui. As *representações* são conhecimento social, são significados compartilhados. São valorativas, respondem e dão sentido às práticas sociais.

Uma categoria de apreensão do conhecimento dos significados compartilhados é a categoria GÊNERO, que é um construto social: o sentido dado ao comportamento de cada um dos sexos construído nas relações sócio-culturais, na interdependência das práticas e representações que constituem as instituições sociais e estão presentes nos indivíduos e nos espaços em que estes interatuam.

O casamento, instituição através da qual homens e mulheres assumem novos papéis, coloca em cheque os papéis de gênero internalizados e a identidade dos elementos da díade: seja na divisão sexual do trabalho, na produção de bens de consumo; seja na reprodução, ao assumirem os papéis de pai e mãe; seja na relação amorosa, ao desempenharem os papéis de amantes.

As mudanças econômico-sociais das sociedades ocidentais têm influenciado a família. A ênfase dada ao lugar do indivíduo, à sua liberdade, abriu espaço para renegociações e revisões dos lugares do homem e da mulher na família e nas relações sociais.

A possibilidade de que o conceito de gênero se subordine à questão da hierarquia é discutida por

HEILBORN (1992). A hierarquia é colocada como uma forma organizadora dos modelos classificatórios de estrutura binária, nos quais um termo engloba o outro. É um modo de ordenar o mundo, baseado no princípio de *valor*, que confere significado às diferenças dos termos nesta hierarquia. Em se tratando de *relações de gênero*, observa-se uma assimetria de valor entre os gêneros que reduz às pessoas envolvidas no sistema de trocas os significados e os valores diferentes.

SCOTT (1991) propõe que, na análise de gênero, se adote uma posição crítica em relação às visões bipolares das diferenças como fixas e "naturais", e esta sua sugestão é uma maneira de "desconstruir" os termos das diferenças entre os sexos. Desconstrução que pode se ampliar para as *relações* entre os mesmos. Portanto, não reduzindo ao valor de um ou outro, mas ampliando para além de um e para além de dois, ressignificando o valor atribuído a estas relações.

Os resultados obtidos revelaram *como as representações das relações de gênero estavam presentes na comunicação do casal*. O ideal de uma relação igualitária entre os cônjuges apresentou-se tanto na forma de um ideal de relação do casal como na definição de busca de autonomia da mulher, pela reivindicação do lugar do trabalho e independência econômica.

A complementaridade das relações de gênero estiveram presentes na divisão sexual do trabalho, de modo mais flexível, com relação ao papel de provedor: *a função de sustento da família passou a ser dividida entre ambos os cônjuges*. Em relação ao trabalho doméstico, *houve mais resistência à mudança de uma divisão rigidamente complementar para uma mais igualitária, da parte dos homens, no aspecto de participação nas tarefas domésticas*.

Observei que as *representações* da divisão sexual do trabalho, em mundos socialmente demarcados como masculino e feminino, também apareceram ambivalentes quanto à flexibilidade e rigidez de transitar nos domínios masculino e feminino.

A igualdade na relação tem sido vista em oposição à relação hierárquica, instituída, que implica complementaridade de papéis de gênero. A relação de complementaridade, na marcação social, tem sido considerada como o homem ocupando a posição *up* e a mulher a posição *down*, logo, associada à relação de poder, e constituindo o valor da pessoa e da relação. *O que pareceu mudado foi a representação de submissão, como característica da identidade feminina, ou seja, questionada a "naturalização" dessa condição referida ao sexo. Também, a forma binária rígida nesta complementaridade relacional de poder-submissão*.

Em todos os casos, as *representações* de uma hierarquia de poder, de prevalência do homem sobre a mulher, ainda persistiram como parte da ordem simbólica cultural, nas diversas formas de relação dos casais. A mudança que ocorreu foi nas práticas cotidianas, considerando-se a igualdade de direito de definir as relações, direito de escolha e liberdade para ambos os sexos. A referência reguladora da interação passou a ser a de relações mais simétricas entre os cônjuges, a busca do valor enquanto indivíduo.

Assim, o ideal de reciprocidade, de permuta interacional entre relações simétricas e complementares, apareceu como idéia reguladora da interação no sentido de integração das partes, na unidade interacional conjugal independente do gênero. Esse referencial pa-

rece orientar os contratos matrimoniais desses casais. Na prática, essa reciprocidade nem sempre era conseguida.

Uma relação *recíproca* é uma relação de troca flexível, de intercâmbio, que, em um metanível, incorpora situações de assimetria e de complementaridade. A desconstrução, que se processa na passagem de um tipo a outro de relação, pode ser localizada na mudança do nível lógico do pensamento para um nível superior de recursão. Isto é, há uma mudança na visão e no *valor* atribuído às relações.

A ressignificação de relação hierárquica, por sua vez, implica uma flexibilidade funcional e temporária entre os termos, uma *heterarquia*. Há uma desconstrução do *valor* atribuído às diferenças de gênero e às posições do masculino e do feminino nesta forma de interação.

Além de dois é: incluir o um e o dois, é pensar sistemicamente o relacional, a circularidade dos comportamentos e relações interligados, a complementaridade e a simetria como trocas recíprocas, ir além de dois. É considerar que "uma relação EU-OUTRO não seja uma relação de oposição, mas uma relação que integre semelhanças e diferenças, identidades que têm a sua história que é, também, a história das relações sociais". (É preciso) pensar o EU-OUTRO como *totalidade de relações*" (SAFFIOTI, 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- HEILBORN, Maria Luísa. *Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil*. In: COSTA, Albertina de O. e BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- JACKSON, Don D. *El Estudio de la Familia*. In: ACKERMAN, Nathan W et al. *Grupoterapia de la Familia*. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- SAFFIOTI, Heleielh T. B. *Rearticulando Gênero e Classe Social*. In: COSTA, Albertina de O. e BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SAGER, Clifford. *Contrato Matrimonial y Terapia de Pareja*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1980.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica*. Trad. DABAT, Cristine Rufino e ÁVILA, Maria Betânia. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.



O Declínio do Viril

Este JP, que tem como fio condutor a questão dos gêneros, traz entrevista com Jésus Santiago, psicólogo, psicanalista e doutor pela Universidade Paris VIII. Jésus, que atualmente compõe o Departamento de Psicologia da Fafich/UFMG, tem trabalhado as mudanças relativas aos papéis masculino e feminino deste final de milênio sob o enfoque do "declínio do viril", considerado por ele uma evolução inevitável das relações entre os sexos. O tema foi também abordado por Santiago no seminário "O Declínio do Viril e da Paternidade no Mundo Contemporâneo", promovido pelo CRP-04 no último dia 18. O evento foi o terceiro de uma série sobre o assunto e contou, também, com a participação do médico Washington Cançado Amorim, membro do Núcleo de Reprodução Humana e Saúde da Mulher.

■ As transformações ocorridas no mundo contemporâneo no que concerne às relações homem/mulher, muitas delas trazidas pelo feminismo e seu ideal de igualdade entre os sexos, delineiam uma situação inédita para o homem atual, que se denomina de "declínio do viril". Como você compreende esse dito "declínio do viril" ?

● Na verdade, esse declínio do viril é algo que se pode identificar como uma resultante inevitável da evolução nas relações entre os sexos, evolução detectável no decurso dos tempos modernos. Jacques Lacan faz referência a isto quando se interroga sobre o destino da posição subjetiva do pequeno Hans. No final de seu seminário "As relações de objeto", aponta o surgimento de uma geração que se forma na metade da década de 40 e que se caracteriza por uma certa evolução nas relações entre os sexos. Para ele, há algo emergente nas relações sexuais dessa época que se assemelha com o essencial do processo de sexuação em Hans. É bastante taxativo ao dizer que o estilo de atuação do sujeito, nessa esfera, constitui uma espécie de paradigma de um modo de relação sexual que não é estranho aos tempos atuais.

Exatamente no ápice de sua elaboração sobre aquele caso clínico, aparece a afirmação de que Hans se mantém em uma certa posição passiva do ponto de vista sexual. Segundo ele, qualquer que seja a legalidade heterossexual do objeto ao qual se apega, ou seja, o objeto feminino, a legitimidade dessa escolha se mostra, entretanto, questionável. Para dar conta da posição sexual do sujeito, Lacan opõe estas duas noções advindas do vocabulário jurídico: legalidade e legitimidade. Mesmo que alimente um vivo interesse pelas meninas

e, provavelmente, ele o manteve aceso ao longo de sua vida, o pequeno Hans não parece, contudo, ocupar uma posição que, aos olhos do analista, possa ser caracterizada como viril. Ao contrário, tal posição é explicitamente qualificada como passiva.

Esclarece, ainda, que esse traço de contemporaneidade das relações entre os sexos coincide com a geração de jovens que aparece em 1945. A descrição e, mesmo, o detalhamento do que vem a ser o estilo dessa geração de jovens ficam sob o encargo de dois romances da escritora Françoise Sagan — "Bom dia, tristeza" e "Um certo sorriso" —, que acabavam de sair no momento de conclusão do referido seminário. Porém não é, de forma alguma, o interesse pelas flutuações da moda, em matéria da sexualidade, que anima as referências explícitas de Lacan a essa autora. Pelo contrário, o que lhe chama a atenção, no banho de contemporaneidade de sua narrativa, é o comentário que lhe dedica o filósofo hegeliano Alexandre Kojève.

É preciso reconhecer que Jacques Lacan é alguém que pertence a uma geração que aparece depois da 1ª Guerra Mundial, quando se tem uma Paris eivada de uma pulsação erótica bastante diferente. Os discursos moralizadores não tinham, ainda, o peso que tiveram para a juventude que surge, no pós-guerra, com a liberação. Por meio dessa tipologia ou desse retrato sumário que circunscreve um ponto de inflexão entre duas gerações, ele pôde situar o estilo da chamada geração de 45. Numa clara alusão ao artigo de Kojève, afirma que os rapazes charmosos desta geração parece que estão à espera das empresas que vêm do outro lado do mundo. Eles parecem deixar a iniciativa às mulheres, esperando, para se dizer tudo em poucas palavras, que lhes retirem as roupas. Lacan admite que essa colocação do filósofo espelha as relações entre os sexos tal como uma época as organiza e as dispõe. Mostra-se partidário da idéia de que há evolução na prática das relações sexuais e de que há incidência da moda na configuração que assumem as relações sexuais num determinado tempo.

■ Parece que você recusa que a virilidade masculina possa ser confundida com a figura do "Donjuanismo". Afinal, é possível falar também de um "Donjuanismo feminino" ?

● É possível perguntar se a figura do "Donjuanismo" se constitui numa espécie de ideal da virilidade masculina. Talvez seja exatamente por se colocar em oposição à passividade do menino Hans face ao outro sexo, que Lacan se lança num breve desenvolvimento sobre o personagem Don Juan no interior do seminário sobre "As Relações de Objeto". É evidente que Don Juan não manifesta a menor inibição com relação às mulheres. Não tem tampouco a necessidade de que as empresas venham do outro lado do mundo, e muito menos espera ser despido por uma mulher como fazem os personagens homens construídos pela ficção de Sagan. Pelo contrário, Don Juan busca, de forma imperiosa e decidida, o encontro com o outro sexo. No entanto, o que quer nesses encontros sucessivos com várias mulheres? Segundo Lacan, o que ele verdadeiramente busca e quer é o falo feminino.

O que se desenha, no presente caso, como posição do sujeito é, portanto, bastante diferente do que diz respeito ao personagem-reflexo que Otto Rank propõe em Don Juan e seu duplo. Não é por intermédio da figura desse duplo, forma conceitual que visa, no fundo, a designar o ego do personagem — imagem já utilizada em outros momentos do texto literário, por exemplo, em "Dr. Jekyll e Mr. Hyde", de R. Stevenson, ou em "Dorian Gray", de Oscar Wilde —, que se pode compreender o donjuanismo masculino. É necessário o uso do qualificativo masculino aqui, tendo-se em vista que, hoje em dia, há também o donjuanismo feminino. Don Juan não se confunde, tampouco, com o sedutor dono de pequenos truques, que podem dar certo o tempo todo.

Se Don Juan ama as mulheres, ele as ama o bastante para saber que, ocasionalmente, não pode dizer desse amor a elas; ao mesmo tempo que, em outras situações, ele as ama o suficiente para dar conta de que, quando o diz, elas creiam nisso. O que não é pouco para ele; ao contrário, revela que há, nessa relação com o outro sexo, uma situação que pode ser caracterizada como "sem saída". Ora, torna-se evidente que ele não se contenta simplesmente em atingir o falo feminino em ato, isto é, pela via do ato sexual, e, muito menos, em permanecer numa atitude de mera contemplação. Porém, como não encontra essa mulher fálica, não consegue interromper o movimento de passar de mulher em mulher. No final, acaba encontrando-a sob a forma desse convidado sinistro que coincide com um mais-além do feminino, que ele, de forma alguma, não esperava. Não é por nada que não encontra A Mulher que tanto almeja; depara-se, sim, com um outro nesse lugar, que é nada mais nada menos que o pai. Inteiramente diverso dessa configuração subjetiva do masculino, presente no personagem Don Juan, é Leonardo da Vinci. Em oposição ao submetimento do donjuanismo a essa "A Mulher" — o que o faz aparentar-se a um homem viril —, obtém-se, neste caso, uma posição em que prevalece a sublimação dessa mesma "A Mulher", pela ação da inibição. É possível resgatar ao longo da obra de S. Freud e de J. Lacan outras figuras subjetivas do masculino. Fiz referência, até aqui, ao pequeno Hans, a Don Juan e a Leonardo da Vinci. Deve-se, no entanto, recorrer a outros exemplos clínicos, tais como o pintor Haitzmann, que apresenta uma "inibição no trabalho" após a morte do pai; Dostoiévski, com sua "posição feminina" frente ao pai; Hamlet, com sua "inibição no ato", ou, ainda, André Gide, que, numa outra vertente, aliás nada inibitória, revela um gozo clandestino, um gozo tido como fora-da-lei. Muitos outros casos e situações clínicas podem ser trabalhadas com o intuito de revelar um pouco mais desse, agora, também continente enigmático que é a condição masculina na contemporaneidade.

■ Temos observado que você associa o declínio do viril ao chamado declínio da imago paterna. Por quê considerar a situação do masculino na contemporaneidade tão determinada pela questão paterna ?

● A idéia do declínio do viril e mesmo o de seu desaparecimento no mundo contemporâneo atrai todo o interesse, sobretudo no que diz respeito ao trabalho

Jésus Santiago
psicólogo
psicanalista



clínico cotidiano. Sem dúvida, ele é inicialmente pensável no registro do declínio do pai, ressaltado por Lacan desde seu texto de 1938 — “Os complexos familiares”. Cabe, então, a pergunta: O que é o desaparecimento do viril no mundo? É o que resta da fórmula da sexuação masculina, se se suprime a parte esquerda da mesma, como propõe Jacques-Alain Miller. Para Miller, poderíamos escrever o declínio do viril utilizando as fórmulas da sexuação:

$$\$x Fx \quad \text{---} \quad x Fx$$

Se assim for feito, prevalecerá, conseqüentemente, o “todos”, o “todos juntos”, ou, ainda, os “todos iguais” da democracia. O desaparecimento do viril decorreria do total fechamento do ser sexuado masculino em relação à incidência da exceção paterna, que se encontra formalizada pela proposição existencial afirmativa “existe ao menos um” (\$x). Isso significa que a assunção da função sexual viril exige algo além da democracia masculina relativa à castração, democracia designada pelo universalismo desse “todos juntos” ou “todos iguais” (“x”).

Desde “Totem e Tabu”, a sexuação masculina é situada a partir da existência mítica de um único homem que contraria essa democracia da castração. É a esse propósito que a sexuação no homem exibe a aparente contradição entre uma regra universal e sua exceção. Entretanto, longe de ser contraditória, a construção do universo masculino, através desses dois pilares, permite mostrar que a exceção não somente confirma a regra, mas, ainda, de forma radical, desse “O homem”, evoca claramente o pai primitivo freudiano que pode gozar de todas as mulheres. A existência desse homem faz com que todos os outros, aqueles que se determinam como filhos, sejam atingidos pela castração. Com efeito, esse super-homem não submetido à castração é o único a poder dar corpo à relação sexual, o único talhado para desejar e gozar de toda mulher, o único, enfim, capaz de fundar, do lado masculino, a identidade correspondente ao sexo feminino. No fundo, a confrontação do universo subjetivo masculino com esse real da exceção paterna deixa todos os homens marcados pelos traços da fragilidade e da impotência. Aliás, esses traços são muitas vezes enfatizados na fala da homossexual feminina ou mesmo de certos sujeitos históricos, com a afirmação de que todos são iguais. Em outras palavras, o que se diz, nestes casos, é que nenhum homem ama verdadeiramente uma mulher. Contudo, é por intermédio dessa falha constitutiva que os seres sexuados masculinos recebem sua identidade de homem. O que o mito freudiano veicula é que a existência da exceção do pai fundador possibilita o aparecimento do clã, ou seja, o conjunto dos filhos castrados. O mesmo acontece com relação ao sujeito masculino: a castração funciona visivelmente como limite e, ao mesmo tempo, como sustentáculo de sua posição sexual viril. Concebida como resultante desse tensionamento entre a exceção e a regra, a castração é o preço a ser pago para que o homem possa ser reconhecido como tal. Por conseguinte, ao tornar-se homem o sujeito confrontou-se algum dia com a existência desse “ao menos um” que escapa à castração, e é esse mesmo lugar de exceção — lugar de superação dessa impotência constitutiva — que ocupa, em determinados momentos, junto a um filho. A interferência da exceção paterna na emergência da condição viril no homem, tratada suficientemente nos diversos comentários sobre o pai de Hans, evidencia a oposição entre a condição contemporânea do pai e sua função bíblica. Ao contrário do pai terrível da Bíblia, observa-se que o horizonte moderno da paternidade busca apagar essa dimensão de exceção ou esse “ao menos um”, considerado como essencial à transmissão da castração no homem. É nesse sentido que o Marquês de Sade — representante da nobreza provençal francesa — é apontado como um contra-exemplo capaz de qualificar a situação contemporânea da paternidade, por encarnar esse algo “a mais” presente na acepção bíblica do pai. Opondo-se ao princípio democrático do “todos iguais”, pertencente ao ideário liberal, o Marquês se apresenta para Kojève como um homem de verdade ou, pode se dizer, como um dos paradigmas do Nome-do-Pai. Logo, para o filósofo Kojève, também não há transmissão da função paterna com o funcionamento apenas parcial da fórmula da sexuação masculina. O que, sem dúvida, explica a percepção kojéviana do desaparecimento do viril é o fato de que essa transmissibilidade foi atingida em cheio na civilização contemporânea. A tese que se pode extrair de suas formulações é a de que, por trás do desaparecimento do viril no mundo, há, antes de tudo, o declínio do pai.

Você faz referência a uma passagem do texto de Lacan, onde se diz que o “pai real” é tomado como um equivalente do “pai do espermatozóide”. Por outro lado, o próprio Lacan afirma em outro lugar que o desejo de um pai não pode ser anônimo. Como fica o estatuto do “pai real” frente aos avanços científicos que possibilitam a existência de pais de “espermatozóides anônimos”?

- O conceito de pai real aparece com claro propósito de retirar da paternidade as impregnações do senso comum, como no caso da noção de procriador ou provedor. Trata-se, no fundo, de uma tentativa de resposta à pergunta freudiana: Que é um pai? Tal resposta aparece subentendida nos desenvolvimentos que Lacan vai, pouco a pouco, acrescentando à sua tópica do imaginário, do simbólico e do real. É nesse sentido que se encontra em “O Seminário”, livro 4 — “A relação de objeto” — o ternário da paternidade: o pai simbólico, o pai imaginário e o pai real. Por outro lado, é possível postular que o conceito de pai real sofre, igualmente, as diversas modificações que recaem sobre a categoria de real, ao longo de sua trajetória. A definição que, entretanto, permanece presente no prolongamento de suas proposições relativa à pergunta freudiana sobre o pai é aquela do pai real enquanto agente da castração. Uma segunda definição do pai real, referida na pergunta acima, só aparece bem mais tarde, em “O Seminário”, “O avesso da psicanálise”: “o pai real é o pai do espermatozóide”. Pode-se tomar a dimensão mitológica do pai, em Freud, como uma maneira que este encontrou para explicitar a necessária distinção entre o registro paterno e

a sua identificação com o personagem familiar do provedor. O mito diz, claramente, que, mesmo sendo representada por uma só pessoa, a função paterna concentra, em si mesma, relações imaginárias e reais mais ou menos inadequadas com suas relações simbólicas, relações que a constituem de forma primordial. Ao se estabelecerem essas três modalidades da função paterna, torna-se evidente que o conceito de pai real visa circunscrever o que se designa como sua característica essencial, a saber um pai indiscutível. Me parece que atingir essa certeza sobre o pai é o ponto mais enigmático dessa elaboração. É bem provável que se possa tomar esse “pai indiscutível” como sendo o “pai do espermatozóide”. Não há dúvidas de que o “pai do espermatozóide” é, pelo menos no terreno da biologia, um “pai indiscutível”.

Por outro lado, Lacan tentou dar conta desse real, ou mesmo, de algo que se apresentasse como o elemento irreduzível da transmissão paterna a partir do pai portador de um desejo qualificado como “mão anônimo”. Portanto, esse irreduzível da paternidade pode ser visto como sendo a própria transmissão da significação fálica, transmissão que permanece impensada pela ciência e por outras formas de discurso, pois é distinta daquela da vida pensada segundo a satisfação das necessidades. Para a Psicanálise, toda constelação subjetiva desejante exige a presença do pai, como agente da castração, como aquele que, segundo os termos de Lacan, coloca em função um desejo que não seja anônimo. A encarnação da lei no desejo resulta, portanto, desse pai que, mesmo sem o saber, constitui um vetor de um desejo situado, em algum lugar, por um nome. Se esse desejo paterno sai do anonimato é porque o pai pôde fazer de uma mulher causa de seu desejo, o que implica o direito de obter para si respeito e admiração. Considera-se também que essa transmissão supõe uma outra função, que é a que uma mãe exerce nos cuidados de seu filho. Justamente nesses cuidados a mãe carrega a marca de um interesse particularizado, ainda que pela via de suas próprias faltas e falhas. Esse interesse particularizado tem como sustentáculo a satisfação sensual que a mãe experimenta nesses cuidados com a criança ou, ainda, a expectativa que ela deposita no filho, em termos da possibilidade de realização de seus ideais.

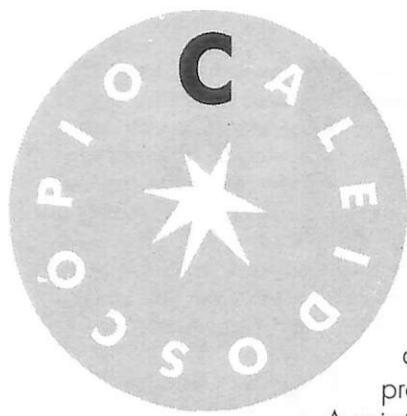
Quando o psicanalista é convocado pela sociedade para dar sua contribuição na solução dos problemas que a família coloca, o que se espera dele? A expectativa é que possa, com seu saber, contribuir para a reprodução e a manutenção do laço social? Ora, se há algo que a Psicanálise tem a dizer sobre a lógica do funcionamento da vida social é a respeito da interferência, sobre essa última, dessa irreduzibilidade da transmissão paterna.

Diante da particularidade dos discursos de nosso tempo, parece que o psicanalista é chamado para auxiliar na tarefa de recobrimento do lugar que, cada vez mais, é deixado em aberto pelo declínio da imago paterna. A Psicanálise não tem, contudo, necessidade de acompanhar essa avalanche ideológica em defesa da família, em defesa dos desígnios atuais da paternidade. Ora, o psicanalista não deve estar ausente dos debates que marcam os destinos da civilização contemporânea. Assim, entretanto, que este último não participe desse debate para consentir com as diversas medidas sociais que visam salvar o pai. Por mais subversivo que possa ser, tratar-se-ia, antes de tudo, de buscar manter o irreduzível da função paterna, visto ser mediante esse ponto que o desejo advém para cada sujeito. E, nessa interlocução com as outras formas de discurso, o psicanalista também formula sua própria demanda, a saber, o direito de examinar o que um pai foi para uma criança em cada caso, pois um pai só se julga um a um.

A paternidade e mesmo a família dita conjugal tem sido um alvo predileto de muitas iniciativas de estudos e pesquisas por parte do discurso científico. No entanto, a família não é apenas objeto dessas pesquisas, pois se tornou, pode-se dizer, um verdadeiro agente de sustentação e difusão de uma gama variada de investigações. A esse respeito, podemos citar as campanhas de aleitamento materno e vacinação, fruto dos avanços incontestáveis da ciência imunológica. Os resultados obtidos também determinam e impõem modificações nos costumes e nas chamadas técnicas do corpo — aspectos educacionais, toda uma série de procedimentos que as mães devem ter no trato de seus bebês, etc. —, que são adotadas sem resistência em detrimento das tradições passadas. A família, então, curva-se aos avanços da ciência.

Sob outro ponto de vista, esse progresso traz conseqüências que merecem nossa atenção, principalmente no tocante à própria reprodução da vida humana. Parece-nos decisivo, na atualidade, o papel que a ciência passa a desempenhar na própria multiplicação da célula familiar. Em primeiro lugar, afirma-se que as técnicas atuais de reprodução interferem nesse real da família, referido anteriormente. Se, antes, era a família que guardava o segredo da reprodução, hoje, esse segredo deslocou-se para o saber produzido pelos avanços da genética, que promoveram as técnicas modernas de fecundação in vitro. Inclui-se, ainda, nesse conjunto, toda uma sistematização sobre algumas doenças contemporâneas na esfera da fertilidade, tal como é o caso das famosas endometriose e endometrite. Trata-se de doenças que não tinham antes o mesmo sucesso, nem a mesma incidência e que, segundo os próprios especialistas, passam a existir em função das mudanças aceleradas nos hábitos e costumes, impostos pela própria lógica do mercado capitalista. Mesmo quando se imputa a estas últimas o fator determinante do aumento da infertilidade entre as mulheres, permanece para o homem da ciência uma zona de imponderabilidade.

Ressaltam-se, ainda nessa esfera, as técnicas promovidas pela genética contemporânea, que viabilizam a certificação do *pater incertus*. Tanto nesse último aspecto, relativo à possibilidade de se obter certeza da paternidade, quanto naquele da reprodução humana, é motória a vontade de sutura do cientista dessa zona de imponderável. Esse imponderável do saber científico denuncia a impossibilidade de sutura do real do corpo. A ciência desconhece que há gozo no real. É desse gozo que o pai anônimo da ciência não pode dar conta. É por isso que insistimos no fato de que a transmissão fálica, necessária ao sujeito do desejo, exige um pai acerca do qual a ciência e seu saber têm muito pouco a dizer.



1996 marca o centenário de nascimento de Mira y LÓPEZ, um dos pilares da Psicologia em nosso País. Durante solenidade promovida pela UEMG em sua homenagem, foi lançado o livro "Mira y López 30 anos depois", de autoria do professor Paulo Rosas. O evento contou com palestras de profissionais da área de Psiquiatria e PSICOLOGIA que conviveram com o professor, como o Dr. Pedro Parafita Bessa.

A psicóloga Suzana Ezequiel, que trabalhou com López, representou o CRP-04 na solenidade. Os interessados em adquirir o LIVRO, editado pela "Vetor", podem encontrá-lo no Cepel - Centro Psicotécnico. Tel. (031) 223.4660. O Departamento de Psicologia e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG instalam, a partir de março de 97, o curso de especialização em Teoria Psicanalítica (pós-graduação lato sensu). Além de professores do Departamento e da unidade, o curso contará com DOCENTES de outras faculdades da UFMG e de outros Estados. A coordenação estará a cargo dos PROFESSORES Eduardo Dias Gontijo, Lúcio Roberto Marzagão e Paulo César Ribeiro. Maiores informações na UFMG, em janeiro. O Departamento de Psicologia da PUC do Paraná acaba de lançar mais um número de sua revista "Psicologia Argumento". A revista, que vem sendo publicada há 13 anos e tem tiragem semestral, traz ARTIGOS de profissionais de várias partes do país. Os interessados em adquirir a publicação podem contactar a sua coordenadora, Ilma Siqueira, pelo telefone (041) 330.1597, ramal do Departamento de Psicologia. O CEPPA está selecionando psicólogos clínicos e organizacionais para compor equipe em parceria. Os interessados deverão marcar entrevista pelo tel. (031) 225.0589. O CEPPA funciona na Av. Afonso Pena, 3924 / salas 513 e 514, no Mangabeiras. Com o objetivo de atender às demandas de crianças e educadores da área infantil originadas pelas transformações do mundo contemporâneo, foi criado o ANDARIM - Centro de Psicomotricidade, Educação e Lazer. O Centro surgiu da necessidade de se criar ESPAÇOS adequados para uma educação alternativa que trabalhe a criança integrando os aspectos afetivo-emocional, físico, CRIATIVO, social e cognitivo. Lá serão realizadas diversas atividades, entre elas cursos e oficinas INTERATIVAS, reeducação pedagógica e acompanhamento psicológico e orientação a pais. Maiores informações pelo tel. (031) 282.2122. Está em andamento no Rio Grande do Sul uma pesquisa que busca compreender o processo terapêutico sob o ÂNGULO do cliente/paciente. Intitulado "Terapias sob o ângulo do paciente", o trabalho foi iniciado em 1995 pela psicóloga Lara Camaratta Anton e procura, entre outros OBJETIVOS, comparar duas LINHAS teóricas e práticas - a psicanalítica e a sistêmica. Para ampliar o universo da sua pesquisa, a psicóloga conta com a colaboração de colegas e pede que profissionais de OUTROS Estados também participem, seja aplicando o roteiro de pesquisa, seja respondendo o mesmo. A pesquisadora DESTACA que em nenhuma hipótese são registradas informações que possibilitem a identificação dos terapeutas ou dos participantes. Os interessados podem contactar Lara pelo telefone (051) 334.0609. A revista FRANCESA "Le Journal des Psychologues" está solicitando artigos de profissionais brasileiros para publicação e NOTÍCIAS sobre eventos da área. Maiores informações sobre as normas técnicas e a TEMÁTICA podem ser obtidas com a correspondente brasileira da revista, Lídia Natalia Dobrianskyj Weber, professora do Departamento de Psicologia da UFPR. Telefax: (041) 243.0372.

C A R T A S

Belo Horizonte, 2 de setembro de 1996
Ao Jornal do Psicólogo
Att: Dra. Antonieta G. Bizzotto

Prezada Senhora,
É com imensa satisfação que a A.S. Passos Editora vem agradecer ao CRP o espaço cedido à referida editora no último número do Jornal do Psicólogo para a publicação da resenha do livro "A Jovem Homossexual - Uma Ficção Psicanalítica".

Aproveitamos a oportunidade para também agradecer-lhe o envio dos exemplares e, além disso, parabenizá-la por esse canal de comunicação, pelo bom gosto na editoração, ilustrações e pela escolha criteriosa de artigos e notícias.

Fazendo votos que continue a desempenhar suas tarefas dentro deste padrão de eficiência e seriedade, colocamo-nos à disposição para futuras colaborações.

A.S. Passos Editora

TEXTOS PARA O JP

O Jornal do Psicólogo é uma publicação editada pelo CRP-04 e tem como principal público os psicólogos inscritos no Conselho. O JP se sustenta através de colaborações. Os interessados em colaborar devem enviar seus textos ao Conselho (R. Tomé de Sousa, 860/1001 - Savassi - Belo Horizonte / 30140.131), endereçando-os à Comissão Editorial do Jornal do Psicólogo. O texto deve conter no máximo 80 linhas de 72 toques cada, o que equivale a quatro laudas (folhas de 20 linhas de 72 toques), e deve ser enviado em uma cópia e em disquete, gravado em editor de texto para windows. O disquete será devolvido logo após a avaliação do texto pela Comissão Editorial, que tem como critérios básicos o nível de interesse que o assunto tem para o público do jornal, o nível de informação e reflexão que o texto carrega ou pode vir a gerar, a consistência e a coerência das idéias e a coerência gramatical. O espaço do JP está disponível a todas as áreas e correntes da Psicologia. Maiores informações com a assessoria de imprensa do CRP-04 pelo tel. (031) 261.1146.

I CENSO NACIONAL DOS PSICÓLOGOS

Psicólogo,
Caso você não tenha se recadastrado na primeira fase do processo, ainda há tempo. Entre em contato com o CRP-04 e ajude a entidade a traçar o perfil do profissional da Psicologia no país. Você estará, assim, colaborando para o fortalecimento da sua profissão.

Informações:
Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região MG/ES
Rua Tomé de Sousa, 860/1001 e 1405.
Tel: (031) 261.1146, de 10 às 12 e de 13 às 19 horas.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA CRP-04
GESTÃO TRANSFORMAÇÃO

DISQ FREUD

OBRAS COMPLETAS • NOVA EDIÇÃO • GARANTIA

PORTUGUÊS - 24 volumes - Editora Imago
À vista 370,00 • 2 x 200,00 • 3 x 140,00 • 4 x 110,00
(Atendemos volumes avulsos)

CASTELHANO - 25 volumes - Editora Amorrortu
ESPAÑHOL - 3 volumes - Editora Nueva
TRADUÇÕES DO ALEMÃO - sob consulta

Atendemos a todo o Brasil • Entrega a domicílio • C.G.C. 72.082.308/0001-34

Tels: BH (031) 330.5500 bip JLM - RJ (021) 442.2430

JORNAL DO PSICÓLOGO

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Sousa, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Ricardo Figueiredo Moretzsohn, presidente; Dannusa Gomes Prates Braga, vice-presidente; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira, secretária; Regina Maria Coelho Ferreira, tesoureira.

8º Plenário: Conselheiros: Adenise Elza Hethel da Silveira; Américo Galvão Neto; Antonieta Guimarães Bizzotto; Aparecida Maria de Souza Cruvinel; Arlete Marchiori Macedo Diniz; Carmen Eugênia Bretas Bavoso; Celso Francisco Tondin; Danusa Gomes Prates; Edith Lins Etto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Fernanda Ottoni de Barros; Gerson Alves Vieira; José Walter Albinati Silva; Maria Aparecida de Oliveira Krolman; Maria Lúcia Vasconcelos Montes; Octávio Candiani; Regina Maria Coelho Ferreira; Ricardo Figueiredo

Moretzsohn; Terezinha Marta Colombo Drummond; Vicente de Paulo Marques de Almeida; Zulma Canuto.

Coordenadoria Técnica: Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: Ricardo Moretzsohn
Comissão Editorial: Fernanda Ottoni, Mariana Mendonça e Ricardo Moretzsohn,
Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTb 4685/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier
Edição gráfica: Cláudia Barcellos Guimarães (Mtb 2109/MG)
Impressão: Editora Lítero Maciel
Tiragem: 11.500 exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Nesta seção, temos a colaboração do psicólogo e psicanalista Octávio Candiani, ex-diretor da FUMEC.

Ética na Psicologia

"Nunca, jamais, se queres viver e crescer, poderás dizer à Matéria: já te vi o suficiente, já contornei os teus mistérios, já acumulei reservas suficientes para abastecer definitivamente meu pensamento... de nada te aproveitará esta ciência para tua vida, pois o conhecimento abstrato é ciência de um ser emurchecido, pois para compreender o mundo não basta saber, é preciso ver, tocar, viver a presença, beber a existência ainda quente no próprio seio da realidade".
(P. Teilhard de Chardin: O Poder Espiritual da Matéria)

Desde que, há bilhões de anos, as moléculas aglutinaram-se harmoniosamente formando a primeira célula viva no mais rudimentar protozoário, um fantástico salto qualitativo delineou-se no processo da evolução da natureza.

A vida desabrochou da matéria e iniciou uma inofismável marcha rumo à vida consciente, desde a sua mais rudimentar expressão à mais sublime, da consciência reflexiva.

A matéria, laboratório imenso onde se processa a criação de estruturas cada vez mais complexas e especializadas, com tessitura sempre mais organizada, vai permitindo o afloramento de manifestações de vida sempre mais elaboradas.

No decurso da *pré-história*, dois períodos fundamentais dividem a evolução: 1) a *pré-vida* abrangendo o resfriamento da crosta terrestre, a condensação de gases formando a água, o seu confinamento nos lagos, rios e oceanos, o consequente endurecimento da camada rochosa etc. 2) a *vida*, desde a primeira célula até o aparecimento do homo sapiens.

O curso da evolução, inteiramente sujeito às leis da natureza, acontece aparentemente sujeito à casualidade.

No entanto, analisando a posteriori, impressiona-nos a organização do exterior da matéria, encetando uma marcha inequívoca rumo à sua interioridade, num autêntico processo seletivo em que se privilegiaram as manifestações de vida, principalmente as mais especializadas, rumo à consciência e, acima de tudo, à consciência reflexiva, a ponto de perplexos nos perguntarmos: será o homem uma falha na linha evolutiva, já que desde o seu surgimento não se verificaram mutações significativas que apontem para um novo salto crítico rumo a uma espécie nova, dele derivada? Ou será o homem o coroamento de um processo evolutivo, a nível de espécie viva, restando agora à marcha da evolução prosseguir rumo ao aprimoramento da consciência reflexiva, nos diversos estágios: individual, social e cósmico?

De qualquer forma, em nenhuma outra ramificação da árvore evolutiva, nenhuma outra manifestação de vida apresenta-se tão aperfeiçoada como no homem. Isto confirma ser o desabrochar da consciência consequência da especialização das estruturas materiais. Mas o que de específico caracteriza este broto da evolução: a consciência reflexiva? Um certo grau de consciência ainda que num sentido rudimentar pode já se verificar na mais simples forma de vida, como a reação de uma ameba ao toque de uma agulha. Mas, uma longa distância separa este rudimento de vida da consciência reflexiva do homem, havendo neste percurso diferenças qualitativas que vão acontecendo à medida em que os seres vivos vão se complexificando.

Em seu livro *Eu - Pele*, Didier Anzieu nos surpreende pela demonstração científica da abrangência do tecido pele, no corpo humano, uma vez que ela não só é o revestimento contínuo do corpo humano, por dentro e por fora, mas ainda proporciona a base de suporte para os órgãos dos sentidos e chega até a se prestar à base constitutiva de vários deles como o gosto, olfato e tato, mais ainda, em suas alterações é o próprio estofo do cérebro. Isto contribui para esclarecer a marcha progressiva da Energia primordial, mediante seu desdobramento em Energia Tangencial que promove a formação do Exterior da Matéria (Le Dehors) e Energia Radial que conduz à formação da Interioridade da Matéria (Le Dedans), através da lei fundamental de Complexificação e Consciência Interdependentes, na admirável teoria de Pierre Teilhard de Chardin.

No próprio homem este laboratório pode ser observado quando o óvulo fecundado começa a multiplicar-se mediante o processo de envaginamento, sem fragmentação, de forma que a membrana celular se desenvolve por desdobramentos que constituirão sistemas contínuos, e o núcleo da mesma forma. Assim, o corpo humano constitui-se de sistemas que são desdobramentos contínuos e integrados ou interligados nos diversos tecidos que o compõem, de tal forma que a sua complexificação é que possibilita desabrochamento da consciência, como a evidência no processo da mielinização, fundamental para o desenvolvimento psico-motor e também para o processo de simbolização que permitirá o aprendizado da fala e do raciocínio.

O homem, quando alcança o grau de consciência reflexiva, alcança a capacidade de simbolização que o liberta da percepção meramente concreta dos sentidos, ou da simples captação de imagens ou sensações, como ocorre inclusive nas crianças, durante os primeiros oito meses de vida. Pela simbolização ele ultrapassa os limites do conhecimento imediato e do simples reconhecimento do apreendido. Ele passa a formular idéias (visão mental do objeto, abstraída do concreto), juízos e raciocínios que lhe permitem, a partir do conhecido, alcançar níveis de conhecimento mais amplos do que o simples percebido sensorial.

Com isto o homem liberta-se da dependência e escravização aos fenômenos

naturais:

- a) não mais depende de ficar preso a um local porque há abrigos nas cavernas, pois ele constrói seus próprios abrigos;
- b) não depende apenas de encontrar uma manada de búfalos ou antílopes para alimentar-se, mas ele os domestica e cria junto ao seu abrigo;
- c) não depende mais da sorte para encontrar frutos, pois ele os planta perto de sua morada;
- d) não se confina mais pelos limites dos rios e dos oceanos, pois encontra meios de flutuar e navegar, projetando em jangadas e canoas a capacidade de nadar dos peixes e de flutuar dos troncos;
- e) amplia sua velocidade domesticando os cavalos;
- f) aumenta sua capacidade de defesa e agressão projetando em suas lanças e flechas as garras dos tigres e leões.

Da mesma forma como amplia seus limites físicos, ultrapassando-os e deles se libertando, também amplia e estende sua inteligência, memória e fantasia, criando instrumentos que possam efetuar cálculos, armazenando-os na memória, criando e projetando situações além dos limites naturais, em quantidade e velocidade impossíveis pelos simples recursos naturais (rádio, calculadora, TV e computadores).

Além disso, ele supera as dimensões de sua própria experiência física, transformando as sensações em substratos e prótipos das suas emoções. Se por um lado isto o arrebatava aos céus, pode também lançá-lo no inferno.

Disto concluímos ser impossível uma postura maniqueísta, dividindo a pessoa em físico e psíquico, em corpo e mente, ou corpo e espírito, como se houvesse comportamentos estanques ou até de dupla natureza e não uma realidade bio-psíquica, sempre provocando uma reação da pessoa como um todo.

Olhando o curso da evolução, vemos claras diferenças nas diversas manifestações de vida que nos permitem enxergar o rastro da energia primordial, desdobrando-se através das formas tangencial radial.

A manifestação mais plena, a humana, insere o homem num estágio qualitativamente superior e distinto dos demais estágios: A CONSCIÊNCIA REFLEXIVA, modificando, a partir daí, toda a estrutura evolutiva, transformando o homem de objeto da evolução em agente da História que tanto só ele constrói como só ele pode destruir. Isto aumenta-lhe o sentimento narcísico de onipotência, tornando ainda mais angustiante conviver com a idéia de sua limitação e insuportável a castração, especialmente a mais profunda e irreversível de todas que é a morte, ou os seus prenúncios, como as doenças e as limitações físicas ou psíquicas. Esta angústia tanto pode aniquilar o homem como pode estimulá-lo a superar os seus limites, descobrindo sempre novos recursos que os libertem e os protejam dos problemas.

Daí que agentes e construtores da História nos vemos investidos de uma responsabilidade imensa que demanda um balizamento por um eixo de valores à altura dessa responsabilidade, para que nossa conduta profissional se veja paulada por uma axiologia séria e construtiva e não apenas mercantilista e competitiva.

A pressão social sobre uma categoria pode levar o indivíduo a amedrontar-se, deixando-se levar pelas imposições, nem sequer atinando com as consequências graves que disto possam decorrer. Sobretudo nestas situações mais críticas, as referências de valor e a consciência de seu papel de agente da HISTÓRIA podem indicar a diferença entre um Pasteur e um Mengele, entre um Albert Sabin e um charlatão, entre um Freud e uma cartomante que se propõe a ler a mente. O que marca a diferença, além da competência, é o posicionamento ético. Quando perguntaram a Igor Caruso, em sua passagem por Belo Horizonte, o que era necessário para alguém ser um bom psicanalista, ele respondeu: **primeiramente, é necessário ser bom.** E este ser bom se faz sentir no relacionamento do psicólogo com os pacientes, mediante um tratamento humano. Não nos compete apresentar à classe dos psicólogos mais um código de ética ou nova legislação profissional, pois leis e normas já as há de sobra. O que é fundamental é a maturidade de cada um, no todo de sua personalidade: intelectual, profissional e emocional. Um profissional consciente não poderá deixar de acompanhar o progresso científico, as descobertas da Psicologia bem como não poderá deixar de acompanhar o desenrolar da cultura, em suas várias manifestações: intelectuais, sociais e artísticas, para não embrutecer e perder a sensibilidade. Não sendo admissível deixar-se levar pelo canto das sereias de propostas mágicas, de formulinhas infantis ou de condutas místicas para a solução de problemas psicológicos em que a cobaia é um ser humano que cominha no limite facilmente bordejando a loucura.

Há que se distinguir fundamentalmente o homem de uma máquina por mais perfeita que ela seja e que admite reposição de peças ou reprogramações. No ser humano isto acarreta o risco muito grande de o profissional ancorado em sua onipotência narcísica pretender impor ao paciente o seu quadro de valores como sendo o correto, o saudável. Reprogramar alguém é lavagem cerebral!

O que compete ao psicólogo é tentar descobrir uma forma de ajudar a pessoa a conhecer melhor o seu próprio mundo inconsciente para que, libertando-se dos fantasmas que o povoam, possa crescer, evoluir e ampliar o nível de sua CONSCIÊNCIA REFLEXIVA.

O agente da História que pára no tempo desatualiza-se, emperra o progresso, quando não até mesmo retarda ou destrói o curso da História.

Emocionalmente o profissional deverá, no mínimo, ter consciência de seus impulsos, de suas reações emocionais, para impedir que eles o assaltem levando-os a contaminar o seu relacionamento com os pacientes e com os colegas.

Da mesma forma que, para libertar-se das leis da natureza, o homem teve que chegar à consciência reflexiva, também precisa alcançar um nível de consciência para administrar bem suas emoções, não se deixando levar cegamente por elas, realizando o que Freud preconiza como sinal de saúde psíquica: "Que cada vez mais reine o Ego onde imperava o Id".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Hinne de l'Univers - La puissance espirotuelle de la Matière.*

_____ *O Fenômeno Humano.*

ANZIEU, Didier. *Le groupe e l'Inconscient.*

_____ *O Eu-Pele.*

ANZIEU, PONTALIS et ALII. *O trabalho psicanalítico nos grupos.*

FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável.* Vol. XXIII, pág. 271.

_____ *Conferências introdutórias.* XXXI Conferência. Vol. XXII, pág. 102.

“Psicologia e Educação” traz Piaget

A Editora Casa do Psicólogo lançou, durante a 14ª Bienal Internacional do Livro, novos volumes da sua coleção “Psicologia e Educação” - “A Difusão das Idéias de Piaget no Brasil”, de Mário Sérgio Vasconcelos; “Cinco Estudos de Educação Moral”, que reúne Piaget, Maria Suzana Menin, Ulisses de Araújo, Yves de La Taille e Lino de Macedo (org.); “Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?”, de Beate G. Althoun, Isa Stoeber e Corinna Essle; e “As Formas Elementares da Dialética”, de Piaget.

O primeiro volume, originalmente apresentado como tese de doutorado junto ao Instituto de Psicologia da USP, chega durante as comemorações do centenário do nascimento de Piaget trazendo um panorama detalhado e interessante da introdução e ampliação de suas idéias no Brasil. O autor pesquisou qual foi a porta de entrada dessas idéias, como elas se disseminaram e onde estão os núcleos piagetianos brasileiros atuais. O resultado é um registro pioneiro da história da epistemologia genética em nosso país.

“Cinco Estudos de Educação Moral” reúne textos que privilegiam uma visão psicopedagógica do conhecimento, comprometida com a interdependência inevitável entre as características do sujeito que aprende e as do objeto de aprendizagem. Há uma separação de 60 anos entre o primeiro capítulo do livro e os demais, já que o artigo de Jean Piaget foi publicado pela primeira vez nos anos 30. Porém, ele impressiona por seu caráter absolutamente atual e sintoniza-se perfeitamente com os contemporâneos.

Com o livro “Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?” professores e educadores passam a contar com um roteiro para organiza: esse tipo muito particular de reunião. Apoiando-se na descrição da prática de um curso sobre este tema, as autoras apresentam sugestões e ajudam a refletir, comparar e tomar decisões. Assim, o livro amplia os pontos de vista centrados apenas em experiências individuais, tematizando um trabalho que, por mais frequente e importante que seja, é pouco discutido fora do seu âmbito mais “doméstico”.

Em “As Formas Elementares da Dialética”, Jean Piaget apresenta onze experimentos - a maioria deles utilizando jogos de regras - por intermédio dos quais sintetiza sua dupla visão da dialética: como forma de interdependência e como mecanismo inferencial dos processos de equilíbrio ou de desenvolvimento. Editada pela primeira vez em 1980, essa foi a última obra publicada quando Piaget ainda era vivo.

• A Difusão das Idéias de Piaget no Brasil

Mário Sérgio Vasconcelos

Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. R\$30,00

• Cinco Estudos de Educação Moral

Jean Piaget, Maria Suzana Menin, Ulisses de Araújo, Yves de La Taille e Lino de Macedo

Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. R\$25,00

• Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?

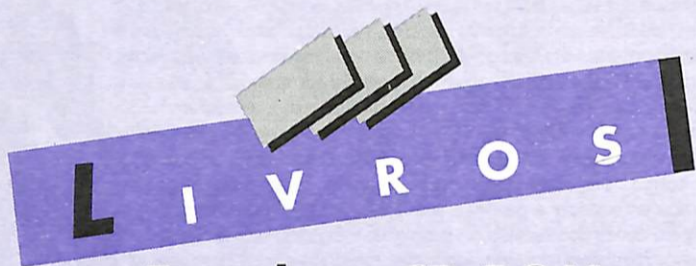
Beate Althoun, Isa Stoeber, Corinna Essle

Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. R\$13,00

• As Formas Elementares da Dialética

Jean Piaget

Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. R\$25,00



Freud em CD ROM

Os recursos da linguagem virtual, que vem abrindo novas possibilidades de estudo e pesquisa em diversas áreas do conhecimento, invade agora os domínios da Psicanálise. A editora espanhola Ediciones Nueva Hélade, em uma iniciativa pioneira, acaba de lançar as obras completas de Freud em CD ROM - “Freud Total 1.0”, a primeira edição hipertextual multimedia de sua obra, sem equivalente em nenhuma outra língua, nem mesmo em alemão.

Alguns podem estranhar o nome de seu mestre lado a lado com a linguagem binária da computação, mas o fato é que o CD pode enriquecer a leitura da obra do pai da Psicanálise. Além dos textos, o conteúdo inclui fotografias da infância e maturidade de Freud, obras de arte às quais ele se refere, personalidades que o cercaram e curiosidades sobre a sua vida, além de quatro filmes e uma gravação da voz de Freud. O CD traz, ainda, um glossário em alemão e permite o cruzamento de conceitos em toda a sua obra. Estes são apenas alguns dos dispositivos à disposição do “leitor virtual”.

Quanto à tradução, trata-se de uma questão sempre muito polêmica, em se tratando de Freud. Os editores do CD afirmam ter dedicado especial atenção a ela, tendo procedido a uma revisão das traduções clássicas do alemão para o espanhol. No entanto, já houve críticas que apontam falhas nesse trabalho. Em matéria publicada na Folha de São Paulo em 10 de abril de 96, as psicanalistas Ana Raddi Uchôa e Miriam Chnaiderman afirmam que o CD não substitui as obras completas impressas, mas “é um instrumento imprescindível para aqueles que trabalham e pesquisam a obra de Freud”.

Os interessados em adquirir o CD ROM, ver uma demonstração ou obter informações sobre o “Dowload” da Internet podem ligar para 225.0479. Quem quiser acessar a Internet, o endereço é www.psiconet.com/freud-cd.

• Freud Total 1.0 - Obras Completas

Ediciones Nueva Hélade. R\$500,00

Iphigênia

A “Trupe de Teatro e Pesquisa” apresenta, em curta temporada no Teatro da Praça, a sua montagem teatral de 1996 - trata-se de “Iphigênia”, uma adaptação da famosa tragédia grega de Eurípedes, “Iphigênia em Áulis”. Considerada a mais emocionante e bem estruturada tragédia do autor e uma das mais belas da dramaturgia grega, nela as situações nascem da psicologia dos personagens, que se apresentam numa complexidade correspondente ao momento que enfrentam.

A peça tem como linha condutora a atormentada consciência do personagem Agamenon, general supremo das tropas gregas que é obrigado a sacrificar sua filha Iphigênia à Deusa Artemis em troca de ventos favoráveis para a expedição que levará os gregos à guerra de Tróia. Dirigida por Italo Mudado, um dos maiores conhecedores de Literatura Dramática e tragédias gregas de Minas, a montagem utiliza uma linguagem fundamentalmente poético/realista com nuances simbólicas. A trilha sonora ficou a cargo de Luiz Otávio Gonçalves, doutorando em direção teatral e musicalidade da USP. Cenários e figurinos de estilista e figurinista Alexandre Colla e iluminação de Yuri Simon. No elenco, Geane Matos, Pauline Braga, Cecília Galvão, Wallace Fernandes, Yuri Simon, Jader Corrêa, Edu Costa e Paulo César Lima.

O espetáculo terá a sua pré-estréia durante as comemorações dos 300 anos de Mariana, no dia 6 de novembro, na Casa de

Cultura Sesi-Mariana. Em Belo Horizonte, a peça fará curta temporada no Teatro da Praça, na Praça Afonso Arinos (tel: 273.4131), de 8 a 10 e de 15 a 17 de novembro, sextas e sábados às 21 horas e domingos às 19 horas. Ingressos a R\$ 10,00 (meia entrada). Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 pagam 50% do valor da meia entrada. A Trupe negocia preços promocionais para grupos fechados, empresas e escolas. Os interessados devem ligar para (031) 461.2891.



FOTO: MARCO TULLIO

Comédia insólita

Está em cartaz, no Teatro Marília, a peça “Tu dirás que é a Morte; eu direi que é a Vida”, de José Antônio de Souza, dramaturgo mineiro radicado em São Paulo. Essa produção da “Casa de Cultura”, encenada para os paulistanos em temporada bem sucedida há três anos atrás, é uma comédia que busca trabalhar amplamente os recursos da sua linguagem.

Com uma dinâmica de encenação muito ágil devido à multiplicidade de ambientes onde transcorre a ação dramática, a peça parte de uma situação insólita - uma milionária cardíaca “compra o suicídio” de um doador para ter, quando se fizer necessário, um coração para possível transplante. O autor desenvolve uma trama com absoluto domínio da carpintaria teatral, criando personagens de rica textura. Nas entrelinhas, fica a denúncia da hipocrisia dos envolvidos, quase todos dominados pelo desejo de enriquecimento fácil, mesmo que os meios utilizados não sejam os mais éticos. Em meio à sordidez, entretanto, o amor aparece como um fator complicador.

Para encenar o texto, a Casa da Cultura conta com um elenco profissional de larga experiência no teatro mineiro, encabeçado por Mamélia Dornelles, José Maria Amorim, Anita Garibaldi, Roberto Cândala, Afonso Júnior e Aminadabron. Os cenários e a direção são de Jota D’Ángelo, com figurinos de Mamélia Dornelles.

O espetáculo está em cartaz no Teatro Marília de quinta a domingo, às 21 horas. Ingressos a R\$12,00. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 pagam R\$10,00.

A questão do masculino no mundo contemporâneo é contemplada aqui por Márcia Rosa, psicóloga, psicanalista e membro da Escola Brasileira de Psicanálise. O texto cedido ao JP foi preparado para o Seminário "O Declínio do Masculino", que reuniu Márcia e o advogado Rodrigo da Cunha Pereira em torno do tema. O Seminário foi promovido pelo CRP-04.

O mal-estar masculino no mundo contemporâneo

Márcia Rosa

Constatamos que existe um debate contemporâneo veiculado pela mídia sobre a condição masculina no mundo contemporâneo. A revista *Veja* de 24 de janeiro de 96 traz como matéria de capa "a angústia do macho"; a revista da *Folha de São Paulo* de 3 de dezembro de 95 aborda o tema sob o título "o homem encara a crise". Penso poder incluir neste debate os trabalhos de um psicólogo, S. Nolasco, que vem tematizando a identidade masculina: "homem, mulher, masculino, feminino são construções (...). O sujeito revela-se perpetuamente deslocado em relação ao seu corpo sexuado".

Digamos que os "deslocamentos" aos quais a identidade masculina se vê confrontada constituem o que é dito como "uma crise da identidade masculina". Fica pressuposto que não havendo crise haveria uma coincidência do sujeito consigo mesmo, que A seria igual a A; a identidade surgiria por exemplo em afirmações como "homem é homem", ou, "homem que é homem..."; recaindo sobre o ser permitiria ao sujeito afirmar "eu sou homem". O que a crise faz surgir é uma não-coincidência do sujeito consigo mesmo e com as representações com as quais a sua identidade masculina foi construída.

Há mal-estar na medida em que algumas representações que o "imaginário social" define como sendo masculinas tornaram-se anacrônicas, mas há também mal-estar ali onde faltam novas representações. Segundo Nolasco, trata-se de sustentarmos "um tempo de transição entre uma representação do masculino construída pelo modelo patriarcal e a possibilidade de mantermos temporariamente uma indeterminação destas representações de modo a que novas combinações sejam possíveis". Este tempo é interessante na medida em que possibilita associarmos o termo "enigma" também ao masculino, em que possibilita que uma série de questões possam ser feitas concernentes à identidade e ao desejo masculinos no mundo contemporâneo: "o que querem os homens?", "por que os homens são como são?", "quais os limites da igualdade com as mulheres?", etc.. Podemos nos perguntar, e é o que temos feito na Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, o que a psicanálise tem a dizer sobre isto e que saídas ela nos permite vislumbrar.

Valendo-me do referencial lacaniano, penso poder ler a "crise da identidade masculina" como uma passagem do Discurso do Mestre para o Discurso da Histérica. Na base da constituição do D. do Mestre temos a noção de representação posta nos termos - um significante (S_1) é o que representa o sujeito para um outro significante (S_2); temos um sujeito identificado a um significante (S_1) que o representa deixando encoberta a sua divisão subjetiva. No que a identificação vacila surge a não-identidade do sujeito consigo mesmo que é escrita pelo S. É onde uma manifestação do inconsciente, um sintoma por exemplo, surge como índice da divisão subjetiva. O surgimento do sintoma atesta uma passagem do D. do Mestre para o D. da Histérica, para um discurso no qual o sintoma faz enigma. É no campo mesmo da histeria que localizamos o questionamento que o sujeito, homem ou mulher, faz incidir sobre a sexualidade.

Diríamos, com Lacan, que a crise da identidade masculina não é nada mais que uma "histericização do discurso"? Penso que num certo sentido a resposta seria "sim", inclusive na medida em que fica implícito aí que homem, mulher, masculino, feminino são "fatos de discurso"; mas num outro sentido a resposta seria "não", ou seja, não é interessante concluir tão depressa fechando a questão. É preciso um tempo para compreender "a representação do masculino construída

pelo modelo patriarcal" na medida em que é aí que podemos nos haver com o que é dito como "o declínio do masculino".

"A idéia do declínio viril e mesmo de sua desaparecimento no mundo contemporâneo não é pensável, a partir de Lacan, sem o declínio do pai". J.A. Miller no seu texto "Bom dia sabedoria" lembra que Lacan assinala "o declínio da imago paterna" já em 38, no seu texto "A Família", mas que é a partir da releitura do caso do Pequeno Hans, em 57, que podemos formular a tese de que "o homem, o viril, não existe, ou não existe mais". Na medida em que Hans "não completa o percurso significante da castração", devido a uma inoperância paterna, ele não chega a "integrar a sua masculinidade". A sua vida amorosa fica então marcada pela identificação feminina, o que se manifesta numa posição passiva, num certo estilo masculino que é, diz Lacan, o da geração de 45, ou seja, o daqueles encantadores rapazes que esperam que as iniciativas venham das damas.

Assim a pergunta "o que é ser homem?" não vai sem uma outra pergunta "o que é um pai?". É no recurso a uma figura de linguagem que encontramos uma primeira resposta a estas questões - "o pai é uma metáfora, é um significante que substitui um outro significante"; a posição masculina é também definida enquanto metafórica - "enquanto ele é viril um homem é sempre mais ou menos a sua própria metáfora". Não podemos deixar de evocar aqui o belo filme "O carteiro e o poeta" que, girando em torno de uma questão sobre a metáfora, aborda a importância da função paterna na constituição da posição masculina. A identidade sexual do sujeito masculino, do sujeito que "não é sem ter o falo", se constitui, segundo Freud, na saída do Édipo por uma identificação ao pai que, tendo dado provas de sua potência em relação à mãe, é interiorizado como Ideal do Eu. No declínio do Édipo o menino encontra uma solução no recalque do desejo incestuoso e "na aquisição deste termo ideal graças ao qual ele pode tornar-se um pequeno homem, alguém que já tem sua credencial no bolso", uma "promissória para o futuro". Quando o tempo vier...

Na medida em que é a intervenção do pai que condiciona a resolução do Édipo e o seu declínio, o fracasso ou a inoperância desta função tem consequências sobre a integração da posição sexual masculina. É interessante entretanto constatar, com Lacan, que o "que se passa no nível desta identificação ideal não é jamais realizado completamente", fica sempre um resto que assinala a impossibilidade de metaforizar tudo. Se o pai é o autor da lei, entretanto, "ele não pode garanti-la, pois ele também deve sofrer a barra, que faz dele, na medida em que é o pai real, um pai castrado". "Os fragmentos mais ou menos recalçados do Édipo reaparecem na puberdade sob a forma de sintomas neuróticos" atestando que resta sempre algo de não regular sobre a credencial em questão.

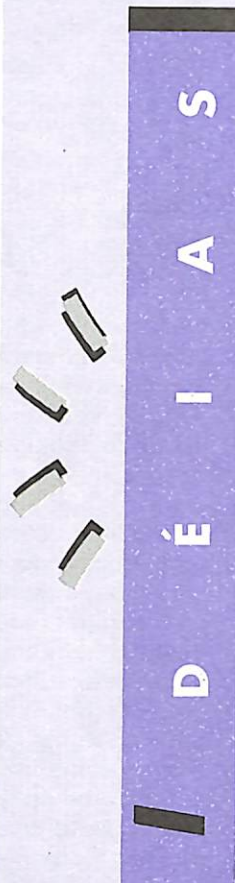
Percebe-se que num certo sentido a concepção de virilidade se sustenta não apenas na identificação ao pai tomado enquanto ideal mas também num ideal de harmonia onde, como diz C. Millot, "doador e receptor se completam como desejam". É a formulação lacaniana dos anos 70 que possibilita reler o Édipo e indica um mais além. O Édipo, dirá Lacan neste momento, "foi ditado a Freud pela insatisfação da histérica, mas não foi verdadeiramente elaborado por ele".

Concluo com um breve comentário sobre possíveis saídas para a crise masculina no mundo contemporâneo. Constatamos que a saída pela identificação é insatisfatória na medida em que deixa o sujeito às voltas com uma concepção idealizada da virilidade nunca realizada completamente e sempre aberta às crises de identidade. Nesta medida é que falamos em travessia das identificações, em "ir além do pai tendo se servido dele", o que implica em ler o declínio do Édipo como luto dos ideais.

Na travessia das identificações, masculino e feminino surgem como "construções" que implicam sempre a falta simbolizada pelo falo e que comportam "a intervenção de um parecer" - parecer ter do lado homem e parecer ser do lado mulher. Assim como há uma "mascarada feminina" há também uma "mascarada viril" fazendo surgir o feminino e o masculino como semblantes. Se a noção de semblante responde pela dimensão imaginária e simbólica da posição masculina, podemos dizer que diante do que resta de não-representado, de real, uma vez atravessado o fantasma, o sujeito não tem como responder senão pelo estilo. Identificação, semblante e estilo seriam, pois, modos de lidar com o mal-estar masculino no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. NOLASCO, S. - *A desconstrução do masculino* - Ed. Rocco - RJ 1995
2. MILLER J.A. - *Bonjour Sagesse* - Em *Revista Barca* n.º 4 - Paris 1995
3. LACAN, J. - *Seminário "As formações do inconsciente"* - lições de 15-22/01/58 - inédito.
4. LACAN, J. - *Hamlet por Lacan*, Campinas, Escuta/Liubliu, 1986
5. LACAN, J. *Seminário "A relação de objeto"* - cap. XXIV - RJ - J.Z.E., 1995
6. Anotações a partir de discussões feitas sobre o tema pela Seção Clínica da EBP-MG



ARAXÁ

Atenta às eleições, a Associação dos Psicólogos de Araxá, juntamente com outros profissionais da área da saúde, vem procurando entrar em contato com os candidatos a prefeito de sua cidade para conhecer suas propostas e levar algumas reivindicações.

Trabalhando em sete grupos, os profissionais da saúde de Araxá levantaram uma pauta de propostas para os candidatos. Entre as mais importantes, estão a indicação do Secretário de Saúde considerando um perfil para o trabalho no serviço público; a efetividade do Conselho Municipal de Saúde; e a realização de Conferência Municipal de Saúde.

Consta, ainda, da pauta de reivindicações a criação de um Departamento de Psicologia na Prefeitura Municipal. Sua função seria implantar e gerir as ações na Saúde, Educação, Ação Social e Administração. O documento estabelece como sua prioridade as ações preventivas, levando em conta a participação da comunidade e a valorização e capacitação profissional.

DIVINÓPOLIS

A Associação dos Psicólogos de Divinópolis já concluiu a confecção do "Guia dos Psicólogos de Divinópolis e Região". Nele os interessados encontram uma listagem dos psicólogos de cada cidade da área por ordem alfabética e outra por área de atuação. Já o profissional da Psicologia tem a seu dispor a lista de empresas conveniadas à Associação, além de informações sobre as atribuições do psicólogo no Brasil (baseadas no Catálogo Brasileiro de Ocupações - CBO) e os princípios éticos do profissional.

O Guia está sendo distribuído aos profissionais que tiveram interesse em participar do mesmo e em instituições comerciais, industriais e escolares. Para usufruir dos benefícios oferecidos pelos serviços conveniados, o psicólogo deve se identificar com a carteira do CRP-04. O mais recente convênio da Associação foi realizado com a Sul América Seguradora, através de seu escritório de Divinópolis, para a aquisição de bens e serviços médicos em condições especiais. Maiores informações pelo tel. (037) 221.1284.

JUIZ DE FORA

Como os profissionais de saúde e a população de Juiz de Fora concebem a doença mental? Esta é a questão que a pesquisa de campo intitulada "O Perfil da Loucura em Juiz de Fora" procurou responder, além de buscar promover avanços na reflexão em torno da luta antimanicomial.

O trabalho foi realizado por um grupo de psicólogas coordenado pela professora Valéria Wanda Reis e contou com a colaboração dos cursos de Psicologia e de Processamento de Dados do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, conjuntamente com o CRP-04. Seus resultados foram apresentados durante a "Semana de Psicologia" promovida pelo CES/JF por uma das pesquisadoras, a psicóloga Raymonde Saraiva.

A pesquisa atingiu onze bairros da cidade, incluindo duas instituições de ensino superior (CES e Instituto Vianna Júnior). Foram entrevistadas 661 pessoas, 70,2% delas entre 16 e 35 anos. A porcentagem de homens e mulheres ficou equilibrada, assim como o grau de escolaridade. A pesquisa também procurou trabalhar com diferentes faixas de renda.

O questionário abordou o conceito de loucura, que tipo de pessoa é considerada louca, as formas de tratamento, as possibilidades de superação do problema, o papel do hospital psiquiátrico e da família e as alternativas de tratamento. Os interessados em conhecer

os resultados da pesquisa podem recorrer aos anais da "Semana de Psicologia de Juiz de Fora", que traz o texto apresentado no evento por Raymonde Saraiva e está disponível no CRP-04, ou contactar a Faculdade de Psicologia do CES/JF, para ter acesso à pesquisa inteira.

...

Em Juiz de Fora, a saúde mental da criança e do adolescente acaba de ganhar atenção especial, com a formação de um grupo de estudos para discutí-la. A idéia surgiu da iniciativa de uma equipe multidisciplinar composta por enfermeiros, médicos e psicólogos que presta atendimento ambulatorial no Hospital Universitário. O grupo tem como principal objetivo inserir o debate na comunidade, procurando sensibilizá-la para a questão e alertá-la para a necessidade de se desenvolver um trabalho de prevenção. Além disso, pretende-se envolver os profissionais da área de educação, geralmente os primeiros a perceber que a criança está com problemas. As reuniões acontecerão de 21 em 21 dias, sempre às segundas-feiras, a partir das 18 horas, no HU. A primeira reunião foi realizada no dia 31 de agosto e contou com a presença de Cláudio Costa, presidente nacional da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama (Sobrap).

UBERABA

A utilização do CID-10 (Código Internacional de Doenças) pelos profissionais da área de saúde, além dos médicos, continua gerando polêmica. Em Uberaba, a questão foi levantada durante um curso de reciclagem em saúde mental, o que levou a Prefeitura a consultar instituições e autoridades de âmbito nacional quanto ao tema.

Uma das autoridades consultadas foi o Dr. Ruy Laurenti, diretor da USP e representante do Brasil na OMS para a elaboração do CID-10 em língua portuguesa. Ao ser indagado se o CID é de uso exclusivo do médico, ele respondeu que "sendo o CID um instrumento estatístico usado para sistematizar a apresentação de causas (diagnósticos) de morte, ou causas (diagnósticos) de internação ou atendimento ambulatorial ou qualquer outra apresentação estatística de morbidade, seu uso, entendido como manuseio, não é exclusivo do médico".

Perguntado se os diagnósticos só podem ser realizados pela área médica, o Dr. Laurenti afirmou que "o médico é responsável pelo diagnóstico em casos onde é feito um ato médico. É preciso lembrar que o odontólogo também faz diagnóstico e que o psicólogo, dentro de sua área específica de atuação, faz o diagnóstico psicológico do paciente".

Quanto à utilização do capítulo V do CID pelos profissionais que atuam na área de saúde mental, ele entende que "está havendo uma confusão entre 'uso estatístico do CID' e 'CID como auxiliar na feitura de diagnóstico'. Segundo o Dr. Laurenti, "o CID é um instrumento estatístico. A partir de um diagnóstico feito pelo médico, pelo odontólogo, pelo psicólogo é que se coloca um código do CID. Não se busca ou se usa o CID para fazer diagnóstico".

De acordo com o professor, a confusão surge do fato de "o capítulo V ser o único que serve também como nomenclatura onde se define o que se entende para cada termo diagnóstico. Isso foi criado porque existem divergências entre várias escolas psiquiátricas quanto à caracterização de alguns diagnósticos. Nesses casos o CID serve de guia, para que em qualquer lugar um certo diagnóstico tenha sempre o mesmo significado".

Quanto ao psicólogo usar o capítulo V, ou qualquer outro do CID, "não há nenhuma restrição. É sempre um uso estatístico, como nos casos de estudos epidemiológicos", afirma. E, concluindo - "quanto a fazer diagnóstico - o que não tem nada a ver com o uso do CID -, as competências do médico, do psicólogo, do odontólogo, do fisioterapeuta, do fonoaudiólogo estão bem estabelecidas em legislações próprias".

HONORÁRIOS

O CRP-04 publica, para conhecimento de seus inscritos, clínicas, empresas e profissionais autônomos prestadores de serviços de Psicologia a Tabela de Referência Mínima com valores em vigência desde julho de 95 (o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia - manteve-se o mesmo desde então):

UP = R\$ 0,47 (correção feita pelo IPC-R)

Os serviços abaixo descritos mantêm, portanto, os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Psicologia Organizacional

- Recrutamento (por vaga preenchida):

Obs: cobrança percentual em relação ao salário do cargo (custo empresa).

Até 1 salário mínimo e meio: 100%

Acima de 1 salário mínimo e meio: 75%

- Avaliação Psicológica (por laudo):

Nível Operacional: 55 UPs = R\$ 25,85

Nível Técnico: 80 UPs = R\$ 37,60

Nível Superior: 100 UPs = R\$ 47,00

- Treinamento (por hora de atividade):

130 UPs = R\$ 61,10

- Consultoria (por hora de atividade):

200 UPs = R\$ 94,00

Psicologia Clínica

- Atendimento Psicológico:

Individual: 59 UPs = R\$ 27,73

Em grupo (por participante): 35 UPs = R\$ 16,45

- Psicodiagnóstico: 582 UPs = R\$ 273,54

- Orientação Vocacional: 466 UPs = R\$ 219,02

- Atendimento Externo (hospitalar, domiciliar e outros):

140 UPs = R\$ 65,80

Para qualquer esclarecimento, entre em contato com a Câmara de Orientação e Fiscalização do CRP-04 (COF).

BALANÇO

VARIAÇÕES PATRIMONIAIS - JANEIRO/96 A AGOSTO/96

RECEITA

- Receitas de Contribuições

Anuidades de Pessoas Físicas e Jurídicas..... 855.127,31

- Receita Patrimonial

Rendimentos de Cadernetas de Poupança..... 67.610,82

- Outras Receitas Correntes

Dívida Alívia em Fase Administrativa..... 43.151,03

TOTAL **965.889,16**

DESPESA

- Despesas de Custeio

Vencimentos e vantagens, despesas variáveis, despesas com transporte (vale-transporte), plano global de benefício (vale-refeição e convênio de assistência médica), obrigações patronais (INSS e FGTS), material de consumo, serviços de terceiros e encargos..... 359.150,33

- Transferências Correntes

Cota Parte do CFP, Contribuições Fundo Revista, PASEP..... 232.022,60

TOTAL **591.172,93**

- Resultado Patrimonial

Superávit do Exercício..... 374.716,23

TOTAL **965.889,16**

SETORIAIS

Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo

Espírito Santo (EES) - Representante setorial: Ligia Gravatá - Rua Desembargador Sampaio, 40 sala 301 Ed. Top Center, Praia do Canto, Vitória/ES - Cep 29055-250 - Tel.: (027) 324-2806. **Triângulo Mineiro (ESTM)** - Conselheiro residente: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba/MG - Cep 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522. **Zona da Mata (EZM)** - Conselheiro residente: Américo Galvão Neto - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora/MG - Cep 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

II CNP

Psicólogos consolidam processo político

Belo Horizonte sediou, entre 28 de agosto e 1º de setembro de 96, o II Congresso Nacional da Psicologia, que reuniu 169 psicólogos de todo o país em torno de temas importantes para a profissão no momento. O evento veio consolidar um processo iniciado há três anos, quando foram realizados os primeiros encontros preparatórios para o então denominado "Congresso Constituinte da Psicologia", hoje "I CNP", realizado em Campos do Jordão, em 1994.

Tendo como eixos de discussão a formação profissional, o exercício profissional e as leis 4.119 e 5.766, que regem a profissão e a autarquia, o II CNP foi também o momento em que se definiu a Consulta Nacional que deverá eleger o plenário do CFP relativo a 97/98. Duas chapas concorrem nesta eleição, que será realizada no dia 28 de novembro de 96 (ver pág. 4).

Teses aprovadas quanto ao exercício profissional

■ Avaliação Psicológica

Entre os temas mais polêmicos discutidos, encontra-se o da avaliação psicológica, que vem sendo muito questionada quanto aos seus recursos e procedimentos. Foram aprovadas três teses referentes à emissão de laudos, atestados e pareceres. Na primeira, ficou definido que "o Conselho deve construir a legitimação social da emissão de atestados pelo psicólogo" através do estabelecimento de critérios técnicos, divulgação de informações e esclarecimento dos profissionais sobre a Resolução 007/94.

Essa resolução foi alterada com o objetivo de salvaguardar o espaço conquistado pela categoria. Assim, a redação final de seu artigo 1º ganhou a seguinte forma: "é atribuição do psicólogo a emissão de atestado psicológico circunscrito às suas atribuições profissionais e com fundamento no diagnóstico psicológico produzido". Em seu parágrafo único, consta que "fica facultado ao psicólogo o uso do CID como fonte de enquadramento de diagnóstico".

A terceira proposta contempla a preocupação dos profissionais da Psicologia de evitar a estigmatização que um laudo pode vir a provocar. Assim, ficou estabelecido que o laudo psicológico deve ser fruto de discussão entre os agentes envolvidos no processo, podendo ser lido com o sujeito avaliado e devendo ter linguagem acessível. Além disso, ele deve estabelecer relações entre as afirmações do relatório e o motivo pelo qual foi pedida a avaliação e evitar o uso de rótulos que segregam e estigmatizam o sujeito.

As teses relativas aos parâmetros para este trabalho demonstraram a preocupação de se definir "critérios técnico-científicos norteadores da avaliação psicológica e fornecer amparo ético e legal ao profissional na defesa da cidadania". Ficou estabelecido que o psicólogo deverá, em sua avaliação, considerar o parecer de profissionais de outras áreas, sempre que necessário. Além disso, uma avali-

ção psicológica deverá levar em consideração as concepções, objetivos e critérios do psicólogo e o contexto social do fenômeno em questão. Os manuais de testes psicológicos deverão passar por uma revisão, a fim de trazerem informações sobre a adequação à realidade brasileira, bem como a sua validade, fidedignidade e produtividade.

Considerando que o objeto de uma avaliação resulta da relação do indivíduo com a sociedade, decidiu-se que "os resultados das avaliações devem identificar os condicionantes sociais e seus efeitos no psiquismo", de modo a atuarem não apenas no indivíduo, mas também nesses condicionantes.

No debate em torno da comercialização e acesso aos testes psicológicos, ficou definido que os Conselhos deverão construir dispositivos de controle para a comercialização, além de exigir dos editores e detentores de direitos autorais que procedam de acordo com as normas referendadas pela autarquia. Os Conselhos deverão, também, possibilitar que os psicólogos se apropriem dos recursos oferecidos pela informática nesta área, ao mesmo tempo em que evitarão que testes psicológicos informatizados sejam aplicados por leigos.

Entre as ações políticas aprovadas, destacam-se a mobilização da categoria para reconhecimento oficial do atestado psicológico, a inserção dos psicólogos na NR-4 e o repúdio ao Projeto de lei do Ato Médico.

■ Práticas Alternativas

No terreno das práticas alternativas, o II CNP decidiu editar nova resolução até o final do primeiro semestre de 97, quando será revogada a atual, de número 29/95. A nova resolução deverá ter caráter norteador e orientador, garantindo a qualidade dos serviços e os direitos dos usuários com base em princípios democráticos e éticos. O plenário entende as práticas alternativas "no sentido da produção de novos saberes advindos das práticas emergentes", definindo estas últimas como "todas as práticas que buscam dar conta da inserção do psicólogo no processo de transformação da realidade".

Todas as teses aprovadas sinalizam uma preocupação em se definir o papel da autarquia frente à questão. Assim, o Conselho "não é um órgão de validação e de reconhecimento de técnicas", mas deve "estimular e incentivar a comunidade científica para a discussão e pesquisa das diferentes práticas ditas alternativas".

Outra preocupação da autarquia nesta área diz respeito à necessidade de esclarecer a população sobre o papel e as funções do psicólogo e sobre o que são as práticas psicológicas. Ficou definido que "a política do Conselho sobre as práticas psicológicas deverá lutar pela livre expressão de idéias das diferentes concepções ontológicas e epistemológicas da Psicologia, orientar o psicólogo a não associar em sua atuação práticas baseadas em pressupostos irracionais, místicos, religiosos e imediatistas ou do senso comum e esclarecer as condições do tratamento quando aplicar técnicas não psicológicas ou afins com a Psicologia que tenham validade ou que sejam passíveis de validação científica".

Teses aprovadas quanto à Formação Profissional

■ Novos cursos

Quanto à formação profissional, o II CNP reiterou a posição assumida em Campos do Jordão, no sentido de "intensificar a luta contra a abertura, sem critérios, de novos cursos de graduação em Psicologia" e "pressionar o MEC para viabilizar a criação de instância responsável pela avaliação dos cursos já existentes", utilizando, mais tarde, os seus resultados como parâmetros para autorizar sua continuidade ou seu descredenciamento.

Entre os critérios aprovados para abertura de cursos, estão os dados sobre o mercado de trabalho e demanda social na região, a existência de corpo docente titulado e efetivamente contratado pela agência formadora, a garantia de estágios curriculares supervisionados e a priorização do ensino público, gratuito e de qualidade.

O plenário retirou também uma moção de repúdio ao Ministério da Educação e dos Desportos, afirmando que "os psicólogos participantes do II CNP, que reuniu representantes do CFP e Regionais, juntamente com estudantes de Psicologia representando as ENEP, manifestam seu repúdio ao Exame Nacional de Cursos proposto pelo MEC, uma vez que este exame não alcança os objetivos de avaliação qualitativa dos cursos universitários existentes no país".

■ Estágios

Buscando garantir a qualidade do estágio em Psicologia, os Conselhos Regionais deverão articular um fórum de debates junto às Universidades para discutir a questão. A autarquia pretende chamar a atenção para a obrigatoriedade da existência de estágio nas diversas áreas e da avaliação das instituições conveniadas. Os CRPs deverão, também, cadastrar os psicólogos que atuam como supervisores nas entidades formadoras e fora delas, além de estabelecer critérios para este trabalho e discutir com outras áreas profissionais a utilização do estagiário como mão-de-obra barata por diversas empresas.

Buscando alcançar uma formação profissional mais sintonizada com a realidade em que vivemos, os CRPs irão incentivar, junto às agências formadoras, um enfoque que transcenda o plano individual e trabalhe pela qualidade de vida e cidadania plena, com a predominância do trabalho interdisciplinar. Os Conselhos deverão incentivar, também, a implantação de uma "Unidade Universitária de Serviços à Comunidade", que procure atender as diversas demandas da população e constitua um espaço de capacitação para o trabalho interdisciplinar e para a discussão das políticas públicas.

Teses aprovadas quanto à Legislação

■ Lei 4.119

A Lei 4.119/62, que regulamenta a profissão de psicólogo, não foi alterada durante o II CNP, que decidiu pela continuidade da discussão a nível nacional. As modificações necessárias para sua atualização serão feitas através de resoluções e deverão considerar os princípios aprovados no I CNP, a especificidade do trabalho do psicólogo e sua atuação em equipes multidisciplinares, além da garantia da qualidade de serviços para o usuário e do respeito à cidadania.

■ Lei 5.766

A Lei 5.766/68, de criação dos Conselhos de Psicologia, recebeu diversas propostas de alteração em seu texto, no sentido de tornar a autarquia mais ágil e articulada a seus inscritos. Mas não houve mudanças nas funções básicas dos Conselhos - "criados para orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de psicólogo e zelar pela fiel observância dos princípios éticos".

As alterações mais significativas dizem respeito à estrutura da autarquia. Assim, ficou decidido que o CFP será composto por 11 membros efetivos e 11 suplentes, que ocuparão os cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, secretários regionais, de orientação e ética e de comunicação.

Também merece destaque a inclusão de um capítulo referente aos "Congressos". Ele estabelece, em seu artigo 24, que "o Congresso Nacional é a instância máxima de caráter deliberativo responsável pelo estabelecimento de diretrizes políticas de atuação da autarquia para o triênio subsequente à sua realização, devendo se realizar a cada três anos". Já o artigo 25 definiu que "o Congresso Nacional de Psicologia é o local de inscrição de chapas para o Conselho Federal".

Outra tese aprovada diz respeito ao "Fórum de Entidades da Psicologia", que deixa de ser instância da autarquia, passando a ter caráter consultivo, responsável por indicar, acompanhar e avaliar prioridades de ação para o conjunto das entidades da Psicologia.

Balanco do CRP-04

Em seu conjunto, as teses aprovadas pelo II CNP estão de acordo com as propostas da 4ª Região publicadas neste mesmo espaço, na última edição do JP. Assim, os delegados de MG e ES viram contempladas, nas teses aprovadas, as suas propostas referentes à abertura de novos cursos de Psicologia, avaliação psicológica e práticas alternativas. O CRP-04 também marcou pontos na legislação, já que conseguiu a inclusão, na Lei 5.766, do capítulo relativo aos "Congressos", e a adoção de resoluções para alterar a Lei 4.119.

No entanto, a proposta referente ao estágio acadêmico e clínicas-escolas - "criação de uma Câmara de Formação Profissional que seja garantida a nível nacional por uma resolução" - foi suprimida, o que foi considerado um equívoco pelos delegados da 4ª Região, que tem priorizado, em suas ações, a discussão em torno da formação profissional. Mas o saldo foi considerado positivo, principalmente em relação ao próprio processo político atravessado pela categoria, que acaba de consolidar o seu espaço de discussões e debates em torno da profissão.

Neste número, o JP conta com a colaboração do psicólogo e psicanalista Célio Garcia, que pontua encontros memoráveis de seu percurso na profissão.

Célio Garcia

Quanto tempo dura uma teoria? E sua memória?

Para dizer a verdade, nem faz tanto tempo assim. E já falamos em memória. Possivelmente porque a vida útil de uma teoria dura menos que uma existência humana. Trinta, quarenta anos é período bastante para surgirem novas teorias, novas propostas, e já as antigas que dominavam a cena e atraíam tanta gente já não fazem tanto sucesso. Assim aconteceu com o estruturalismo, com a gramática gerativa chomskiana, com o behaviorismo na sua versão mais dura, com a teoria da personalidade de base, com a teoria da dissonância cognitiva, e outras teorias menores que gozaram de prestígio entre nós. Os testes, então, nem se fala! Quantos já foram esquecidos e abandonados em gavetas empoeiradas. Menos de trinta anos e já haviam iniciado sua carreira de descrédito e sofrido contestação. O marxismo, para falar de eminente decadência e provável desaparecimento, durou um pouco mais, vindo a sofrer desde os anos 70 desmonte teórico seguido do descabro na prática dos regimes ditos "socialismo real" na Europa Oriental. Talvez por isso falamos em memória. Entendo que devemos acompanhar a evolução do discurso da Psicologia em suas distintas escolas e orientações, sem esquecer os campos afins.

Há possivelmente conjunturas teóricas que nos envolvem, acontecimentos na vida intelectual de cada um capazes de marcar a trajetória que a partir de então se anuncia. O acontecimento solicita um nome, uma denominação; por vezes, o nome de um autor diz tudo em se tratando de um encontro com um de seus livros. "Meu encontro com Freud"... pode ser o título de um livro de memórias a ser escrito por um psicólogo, um de nossos colegas.

Eventualmente, um segundo encontro põe em questão a primeira adesão, o que nos dá a possibilidade de uma nova aventura. Outras vezes, não! A primeira escolha é para sempre.

Um primeiro encontro

Pelos idos dos anos 50, ao nos aproximarmos da Sorbonne, nos arredores do Jardim do Luxemburgo, um pouco antes de nove horas, cruzávamos cada semana com um conhecido professor, um senhor já de meia idade, encarapitado que vinha ele em sua bicicleta. Uma boa parte do ano letivo fazia frio, mas lá vinha ele assim mesmo, pedalando.

No grande anfiteatro diante de um público numeroso, dava ele conta de suas pesquisas junto a crianças, criando, assim, essa extraordinária contribuição que àquela época já fazia série - "O nascimento da inteligência", "Construção do real", "A formação do símbolo", "O julgamento e o raciocínio", "A linguagem e o pensamento".

Além das conferências e seminários, tínhamos regularmente aulas com Pierre Gréco, assistente de Piaget. Próximo à geração de seus alunos, após as aulas logo nos encontrávamos em torno de uma mesa de café, quando absorvíamos atentamente os comentários (falados com grande rapidez) trazidos por alguém de mais experiência e intimidade com o professor.

Ao cabo de um ano letivo, vieram os exames para o "certificado de psicologia da criança e pedagogia". Prova oral com Piaget, depois Cousinet. Interrogado pelo professor, foi um momento de grande emoção. Tranquilizou-me a recepção por parte do professor. Fui aprovado.

Na sequência, rapidamente me deparei com o grupo INRC e a necessidade de buscar alguma iniciação em matemática, mesmo sabendo não ter

treinamento na área. Passei a frequentar o seminário de Guibaud (posteriormente seu assistente Barbu), destinado ao pessoal de ciências humanas; tive então acesso a essa metodologia matemática a que se refere Papert, encontrada nos escritos de Piaget à título de quadro teórico na compreensão da epistemologia genética. A teoria dos conjuntos, a álgebra universal, a teoria bourbakista das estruturas, o grupo, era este o programa da "matemática moderna", assim chamada. Aos poucos tive acesso aos trabalhos de Cavallès, Lautman, Badiou e Guitart (estes dois últimos na atualidade).

Menciono a série de nomes ilustres porque ela nos leva à teoria de categorias, tema de um último livro de Piaget; a série nos faz atravessar (em companhia de Piaget) essa extraordinária aventura que foi o desenvolvimento da matemática em nosso século.

Não tardou muito e já fazia novo encontro

Dessa vez foi a Psicanálise. O professor Jean Delay, cujo serviço estava sediado no Hospital Saint Anne, catedrático de Psiquiatria, acolhia o psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan, reservando-lhe espaço para seu seminário sobre Psicanálise. Para lá se dirigiam os estudantes de Psicologia e demais ouvintes do Dr. Lacan. O anfiteatro era grande demais para aproximadamente quarenta, cinquenta pessoas que acorriam àquelas primeiras lições do que viria a se transformar, com o passar do tempo, no "séminaire do Dr. Lacan". Uma vez por semana, lá vinha ele com sua estenógrafa e maquininha de digitar sinais. Um dia apareceu por lá Moreno, outro dia Jakobson. Eram os convidados do Dr. Lacan. A partir de Lacan ia-se à Linguística, especialmente esta que havia sido promovida pela leitura que fazia dela Lévi-Strauss com sua Antropologia Estrutural. Eu já havia feito uma parte desse caminho, pois havia preparado um bacharelado em Letras Clássicas.

Não ficou na Linguística o esforço suplementar que era de nós exigido. A "matemática moderna", a Lógica, eram consideradas como sendo uma linguagem indispensável; necessário se fazia uma iniciação, especialmente para aqueles que não tinham formação matemática. O professor indicado era o mesmo que já frequentava juntamente com os colegas de ciências humanas: Guibaud. Tanto o interesse pelas linguagens formais (Lógica, Matemática Moderna) quanto o interesse pela linguagem eram comuns na década de 40 (após guerra) e seguintes. De Lévi-Strauss a Lacan havia interesse pela Linguística (no caso, por Saussure), assim também na mesma época começa o envolvimento da Filosofia Analítica anglo-saxônica com os problemas de linguagem. Só em 1990 (em edição argentina do seu livro "El giro linguístico") Rorty declara já não haver tanto envolvimento com o "turning point", momento decisivo na Filosofia Analítica na exploração da linguagem.

Piaget, Lacan, a Psicologia Social, a impressão que tenho é que eu me preparava para atender às demandas que a mim fossem dirigidas, voltando ao meu país em vias de desenvolvimento, não se sabia muito bem o que se ia encontrar pela frente.

Um terceiro e duro encontro

Não é nada surpreendente que viesse a me colocar questões sobre a identidade ao nível de minha categoria profissional, do meu grupo, dos meus companheiros. O corporativismo baseado na identi-

dade profissional me pareceu desde sempre fonte e origem de privilégios. Quando iniciei minha carreira profissional fui levado a exercer as mais variadas atividades, todas relacionadas com a minha formação, porém, não havia um lugar predestinado para a "figura" entre as profissões no mercado.

Outro episódio marcante foi um encontro com o embaixador e poeta Augusto Frederico Schmidt. No calçadão de Copacabana, espaiaria o embaixador quando em sentido contrário vínhamos eu (recém-chegado ao Rio) e uma amiga. No intuito de me introduzir na sociedade carioca, entre os letrados do meu país, a amiga se adiantou e disse - "Schmidt (ela tinha uma certa intimidade com o poeta), esse é o Célio; ele é psicólogo".

A que o poeta impávido, frio e lúcido imediatamente retrucou - "Psicólogo de quê?" Entendi que minha identidade, meus diplomas tinham sido profundamente abalados!

Hoje penso que o predicado "ser psicólogo" não pode ser atribuído por uma escola profissional, por uma universidade, por um curso mesmo aprovado pelo Ministério da Educação. Psicólogo a gente é no meio a grandes dificuldades quando desistimos de uma identidade garantidora de benefícios, de benesses e privilégios (lei privada) de qualquer tipo. Agora que a Saúde Pública tornou-se um problema moral e agudo para a Administração, pretende ela nos enquadrar em padrões exigidos pela organização da produção. A Saúde Pública é a denúncia constante de que alguma coisa não vai bem no "welfare state". A medicina resiste mal às investidas do Estado e da Administração, mas nós temos condições de levar adiante esta reflexão. Temos uma perspectiva realista, não necessariamente empirista.

Em compensação, só quem teve esse tipo de formação se atreve a pensar os efeitos avassaladores do discurso universalizante da ciência, da crise do marxismo, do avanço do fundamentalismo. Há uma distância enorme entre a representação que se fazem o Estado e a Administração com relação à figura do psicólogo e/ou psicanalista e o que é exigido de nós em nosso trabalho na clínica ou no atendimento de outro tipo de demanda.

As queixas são frequentes para quem escuta os colegas em supervisão. Os mais jovens sofrem tudo em silêncio, pois temem perder o único emprego que lhes foi oferecido ou que eles conquistaram.

A duras penas convenci-me de que havia tomado o bom partido e que continuaria sendo um Psicólogo... de que, ainda não sabia!